Padre

Joaquim José da Rocha Espanca

M 月 J E I A MOK J B S O U I H A S 理



CADERNOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VIÇOSA

Cadernos Culturais da Câmara Municipal de VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Imagem de Nº. Srº. da Conceição, Padroeira de Portugal

NA CONTRACAPA:

Aspecto geral da Rua Alferes Marcelino

(Slides gentilmente cedidos pelo Sr. Carlos Faria)



NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in tegral do texto do manuscrito de AS MEMORIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

MEMÓRIAS VILA VIÇOSA

SECÇÃO III

CULTO RELIGIOSO E PÚBLICO

Laudem dicite Deo nostro omnes serviejus, et qui timetis eum, pusilli et magni.

(Apoc., XIX, 5)

Ť

Depois de tratar dos monumentos religiosos da nossa vila, nada mais natural do que ocupar-me do culto divino e público.

Entende-se por culto público religioso aquele que se dá a Deus directamen te ou indirectamente por meio dos seus santos nas casas públicas destinadas a esse fim e que nós vulgarmente chamamos igrejas: palavra grega sinónima de ajuntamento ou assembleia na nossa língua.

A razão de se render ao Ente Supremo um culto público é porque nós devemos amar a Deus e reverenciá-lo de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e com todas as nossas forças. (1) E assim damos-lhe um culto interno como Criador da nossa alma e suas potências interiores; damos-lhe um culto ex terno como Criador e Conservador do nosso corpo e seus sentidos e faculdades exteriores, pelas quais a alma e o corpo se relacionam entre si e com os demais seres que nos rodeiam no céu e na terra.

⁽¹⁾ Lucas, X, 27.

Mas isso ainda não é bastante para cumprir à risca o mandamento divino que atrás deixei apontado.

Com efeito, para reverenciarmos a Deus com todas as nossas forças ou potências corporais e espirituais, é mister honrá-lo também com o culto doméstico ou de família, cujos são sacerdotes os seus chefes como no-lo certifica a história desde os tempos da primitiva idade. É mister honrá-lo com o culto paroquial ou de freguesia; municipal e nacional, conforme a distribuição da família humana por estes agrupamentos factícios para que, assim como nos servem para as comodidades terrenas, sirvam da mesma sorte para exibimen to da confissão da nossa dependência do Criador de todos os mundos e da vene ração que lhe devemos como criaturas suas a quem Ele pode enviar castigos tem porais e fazer também mercês nesta vida se assim aprouver à sua infinita sabedoria e bondade. Justitia elevat gentem: miseros antem facit populos pec catum. (1) Benedictio Domini divites facit, nec sociabitur eis afflictio.

Só por este modo poderemos satisfazer integralmente o preceito de amarmos a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e com todas as nossas forças.

Só por esta guisa mereceremos o galardão prometido pelo Salvador nestas palavras: Aquele que me confessar diante dos homens também eu o confessarei na presença de meu pai. E só por ela evitaremos a fatal desgraça que culminam as seguintes: Aquele que se envergonhar de mim diante dos homens também eu me envergonharei dele diante de meu pai que está nos céus. (3) De onde resulta que ao homem não basta o ser cristão, mas é necessário que o seja e o pareça, dando culto a Deus à face do céu e da terra.

Para serviço, pois, do tão indispensável culto divino e público levanta - ram-se templos, erigiram-se altares, ordenaram-se procissões, criaram-se mos teiros para homens e mulheres se poderem consagrar inteiramente ao serviço de Deus e passar a vida em oração enquanto outros se aplicam aos misteres da vida temporal. E instituíram-se confrarias, irmandades e mordomias para se aproveitarem os preciosos frutos da associação ou união de esforços onde muitos, fracos em si mesmos, adquirem forças maravilhosas pelo conjunto porquan

⁽¹⁾ Prov., XIV, 34.

⁽²⁾ Ibid, X, 22.

⁽³⁾ Mateus, X, 32 e 33; Lucas, IX, 26.

to é bem certo que a união faz a força. $\it Vae\ soli...\ funiculus\ triplex\ difficile\ rumpitur.$

E da mesma sorte que a fé sem obras é morta, como diz o Apóstolo S. Tiago Menor, (2) morta seria também a fé dos nossos maiores se não tivessem levantado essas Igrejas e Institutos de religião e caridade, como seria morta igualmente a nossa mostrando-nos filhos degenerados, alheios a esse espírito religioso e devoto que os levava a renderem a Deus solenes cultos em públicas e religiosas festividades e a manterem de pé os seus templos.

H

O meu fim nesta secção é recordar essas festividades intentando sondar o que se praticava nos antigos tempos e registando cuidadosamente o que ainda fazemos e podemos fazer.

Mas não serei minucioso em excesso para não causar fastio: começarei por exibir uma tabela sinéptica ou anuário do nosso culto público, notando também as funções religiosas que deixaram já de se fazer entre·nós; e depois destinarei capítulos em separado para descrever as principais procissões que antigamente se faziam e para as que hoje se estão fazendo, visto serem as partes do culto público onde o tempo costuma introduzir variações sem contudo variar a fé que aliás permanece a mesma em todos os séculos. Esta proprieda de é o selo da sua própria verdade ou da sua divina origem.

Os estranhos, e sobretudo os vindouros, serão bem gratos a esta minha empresa.

⁽¹⁾ Eclesíastes, IV, 10, 12.

⁽²⁾ Ep., I, 26.

CAPITULO XXXVIII

Anuário do culto religioso público, antigo e moderno, de Vila Viçosa.

Ocupar nos vamos agora do culto cristão. (Chateaubriand - Génio do Cristian.)

Generalidades

Até 1834 havia coro regular na Capela Real, missa cantada a órgão todos os domingos e dias santos, assim como nas festas de Nossa Senhora e de Apóstolos. Destas, umas tinham vésperas solenes e outras igualmente matinas.

De 1834 a 1868 havia somente coro rezado e nos sábados à tarde cantava-se a Ladaínha Lauretana acompanhada a órgão.

Hoje subsiste ainda a missa cantada aos sábados na Matriz com a ladaínha no fim, excepto no sábado de Aleluia ou quando ocorre algum inconveniente no pessoal encarregado destas funções.

Outrora praticava-se o mesmo no convento do Amparo.

Janeiro

Dia l. - Festa do Santíssimo Nome de Jesus na Matriz a expensas da respectiva irmandade. Tem missa cantada e sermão ao Evangelho.

Neste mesmo dia se tiravam sortes na Venerável Ordem Terceira e no Convento das Chagas para os devotos escolherem patronos especiais para o novo ano e bem assim para o exercício particular de alguma virtude cristã. Lembro-me ainda de ver a caixa das sortes na Igreja das Chagas e de tirar de lá uma sendo rapaz. Hoje não se vai já fazendo caso destas práticas devotas e portanto, assim como é a feição materialista do espírito da época, assim vão sendo também as suas obras... de roubos, fraudes, perfídias, dissipação, luxo e corrupção progressiva dos corações. Não procurem explicar por outras causas

a degeneração dos nossos costumes.

Durante este mês cantavam-se de noite pelas portas as janeiras que eram canções populares em honra do Nascimento de Cristo e os cantadores recebiam espórtulas em géneros ou dinheiro, mas na actualidade raramente subsistem já nalguma freguesia rural.

Apenas vigoram os entremeses ou representações dramáticas do Nascimentodo mesmo Cristo, adorado pelos pastores de Belém e pelos Reis Magos; os quais entremeses têm lugar desde 24 de Dezembro até ao dia de Reis. Na véspera des te dia, desde o serão até à madrugada, andam grupos a festejar a chegada dos três "Cavalheiros que vêm do Oriente" misturando nas suas canções muita babo seira e recebendo as competentes espórtulas principalmente nas freguesias do campo.

- 6. Festa do baptismo de Cristo, chamada vulgarmente do Rio Jordão e já extinta. Era feita nas Chagas. Vinha de dentro da clausura um formoso andor de espelhos em que se venerava o Precursor baptizando no Jordão a Cristo.
- 10. Grande festa a S. Paulo Eremita no Convento do Rossio, à qual concorriam deputações dos conventos de Montes Claros e da Serra d'Ossa. Depois de 1834 ainda continuou esta festa por muitos anos ou até 1850 promovendo a Frei José Maria Carmelo, vulgo José Maria Bácoro, ajudado por outros Paulistas, confrades seus, e por alguns devotos. Outro tanto sucedia com a do Orago a 5 de Agosto.

Começavam então as festas dos santos do Rossio de que o povo dizia serem indício de tempo chuvoso.

- 15. Festa de Santo Amaro, Abade, na Igreja do Mártir, ordinariamente só com missa cantada, hoje extinta. Concorriam muitos devotos principalmente ao serão a fim de orarem, conservando-se por isso a Igreja aberta. E com as esmolas que espontâneamente deitavam na bacia custeavam-se as despesas da cera e do altar. O coreto de música de órgão era gratuito. Lembra-me que foi numa destas festividades (e salvo erro em 1855) que me estreei no ofício de organista.
- 20. Festa do Mártir S. Sebastião na mesma Igreja. Depois de cafr esta em 1858, no Espírito Santo. E desde 1866, no Colégio. Era antigamente precedida por uma procissão da Câmara, Clero e Povo que safa da Matriz, levando o Prior desta nas mãos uma pequena imagem do Santo Mártir. Depois de cantada a antífona, versos e oração própria na Igreja do Rossio, tornava-se para a Matriz recitando sempre pelo caminho salmos de louvor e acção de graças, o

que acabou aí por 1854, mas subsiste no Alandroal e noutras partes.

No convento das Chagas faz-se outra festa desde o cólera-morbus de 1833, promovida por uma mordomia de pessoas de dentro e de fora da clausura, com exposição do Santíssimo Sacramento.

Fevereiro

A respeito deste mês diziam os nossos cristãos velhos: No primeiro, jejua rás; o segundo guardarás; e no terceiro irás a S. Brás.

- 2. Benção e procissão das Candeias por canto chão na Capela Real, nas Paróquias da vila e em todos os conventos de Frades. No meu tempo só assim na Matriz. Benção rezada nos conventos de Freiras e nas freguesias rurais para satisfazer à devoção dos fiéis que apresentam as suas velas para as terem bentas em suas casas e acenderem-nas em ocasião de trovoadas, partos difíceis e agonia de moribundos, em cujas mãos as metem outras pessoas assistem tes se eles têm os sentidos perdidos. Isto, porém, já não é prática geral.
- 3. Festa de S. Braz no convento de S. Paulo por devotos seus, a qual cessou aí por 1860.
- 6. Festa das Chagas de Cristo no convento deste nome com exposição e sermão.
- 22. Festa dos Desposórios de Nossa Senhora no mesmo convento, mas já suprimida.
 - 28. Festa de S. Romão, Eremita, na freguesia rural em que é Orago.

Março

- 19. Festa do Patriarca S. José na Matriz com exposição e sermão promovida pela sua irmandade.

Outra dita nas Chagas, mas incerta.

Nalgum tempo fazia-se outra em día próximo na Ermida do Carrascal.

Nos três dias do Carnaval fazia-se outrora no Colégio dos Jesuftas e nos nossos dias na Matriz o Lausperene da Oração das Quarenta Horas, à custa das duas confrarias de Nossa Senhora da Conceição. Tinha três sermões de tarde. Foi suprimido em 1877 para se aplicar às despesas das funções da Semana Santa a quantia de 50\$000 réis em que importava.

Na quarta-feira de Cinzas, até há pouco, havia nas duas Paróquias da vila benção e imposição das cinzas, a canto chão. E outrora, na Capela Reale nos conventos de Frades. Isto de manhã. A tarde é a procissão de penitência promovida pela Ordem Terceira e chamada procissão de Cinzas, da qual darei adian te uma descrição miúda.

No domingo segundo da quaresma é a procissão dos Passos de Cristo a expensas da respectiva irmandade. No sábado anterior, às Trindades, sai a Imagem rebuçada para a Esperança e aqui tem lugar o passo do Pretório com sermão para se continuar a percorrer os mais até Santo Agostinho onde é o do Calvário. Desta procissão darei também notícia especial.

Em cada sexta-feira, excepto a da Paixão, há missa cantada ao Senhor Jesus do Descendimento na Paróquia de S. Bartolomeu à custa de dois Mesários da irmandade do Santíssimo, os quais muitas vezes são pobres trabalhadores e todavia não recusam sujeitar-se a tal encargo não inferior a 4\$000 réis cada um. Quando estes irmãos são pessoas abastadas, fazem a festa com exposição e sermão; porém isto ordinariamente só tem lugar na última sexta-feira que é a das Dores de Nossa Senhora.

A irmandade dos Passos manda rezar missa na sua capela nas ditas sextas--feiras, mas no tempo dos Gracianos era cantada.

Ao que fazem os irmãos do Santíssimo de S. Bartolomeu na sua Igreja correspondem os da Matriz nas quintas-feiras, excepto a primeira e a última, can tando Completas com o Sacramento exposto. No fim delas há sermão doutrinal e ascético, pago pelo Juiz da irmandade, e procissão do Santíssimo dentro da Igreja saindo pela parte da Epístola até se recolher na própria capela onde se dá a benção e se faz o encerramento na forma do Ritual Romano.

Nos domingos de tarde, com excepção do segundo em que tem lugar a procissão dos Passos, houve na Freguesia de S. Bartolomeu até 1868 sermão moral e ascético a expensas do Juiz da irmandade do Santíssimo, mas desde então resolveram aplicar a esmola dos sermões para um Lava-pés ou bôdo na quinta-fei

ra de Endoenças. E é pena que assim aconteça porque muito se tem perdido na reformação dos costumes com a falta destes sermões a que podiam assistir os jornaleiros e não podem aliás nas quintas-feiras em que tais sermões se pregam na Matriz. No fim deles devia cantar-se o *Miserere* por música de órgão que tem lugar nas sextas-feiras à uma hora da tarde para lucrar certa indulgência antiga, mas hoje não concorrido, e concluír-se com um motete da Paixão e a Jaculatória Senhor Deus Misericórdia que é de costume antigo. Assim é que se pratica na Sé de Evora e tais exercícios valem por uma pequena Missão.

Em todas as segundas-feiras, quartas e sextas havia outrora exercícios par ticulares de disciplina, excepto na quarta-feira de Cinzas, para os Terceiros de S. Francisco na sua capela, ao anoitecer e a portas fechadas. No meu tempo de rapaz achava-se já suprimida a disciplina da quarta-feira e hoje di zem-me que raramente se fazem tais exercícios, chegando a haver um só na sex ta-feira das Dores quando na minha mocidade eram certos, muito concorridos e entremeados com cânticos executados a vozes solas.

Na sexta-feira das Dores há festa solene com prévio septenário, exposição, festa de manhã e de tarde e dois sermões no convento da Santa Cruz. E a festa principal daquela Casa. Além de ser Orago da Igreja, tem a imagem um prédio de casas na rua de Santa Luzia à esquina inferior da rua das Cortes, legado em benefício do seu culto por pessoa particular.

A Semana Santa era celebrada com solenes festas em todos os conventos de Frades e Freiras e principalmente na Capela Real onde havia matinas por música de órgão em quarta, quinta e sexta-feira, sermões de Mandato, Paixão e Ressurreição. Estes sermões não custavam dinheiro ao Cabido porque eram recitados pelos Pregadores Régios com exercício na nossa Capela e assimos mais da tabela das festas ordinárias daquela Casa. Ainda no meu tempo continua - vam as Freiras das Chagas com as suas funções desde o Domingo de Ramos.

Hoje faz-se o seguinte.

No Domingo de Ramos há benção, procissão e missa cantada na Matriz por mú sica e canto chão. Em S. Bartolomeu fazia-se a benção e procissão até há pouco de canto chão. Em Bencatel cessou em 1880 esta função que se fazia com inteira solenidade por terem diminuído os rendimentos da Irmandade do Santís simo com as leis de desamortização e portanto passou a fazer-se o que se faz em todas as freguesias do termo, isto é, benze o Pároco as palmas para se distribuirem pelos devotos e o alecrim que nessa tarde vão os lavradores e seareiros pôr nas suas searas em forma de cruz sobre uma cana ou vara consisten

te.

Na segunda-feira levam os Terceiros um jantar aos presos da cadeia pública a expensas do Ministro. Concorrem com as suas pessoas os outros irmãos, presididos pelo Padre Comissário, e levam as alcofas, asados, cestos, frascos de vinho, talheres, etc. - tudo enfeitado com flores. Chegados à sala livre, onde já se acham os magistrados judiciais, juntam-se ali os presos em torno da mesa previamente preparada. É-lhes dada água às mãos e beijados os pés, cantando-se o motete Domine, tu mihi lavas pedes, etc. Os encarcerados comem o que lhes parece e guardam o resto para outra ocasião. Em antigos tem pos tinha o Ministro da Ordem privilégio para dar o braço a um preso de delitos de pouca gravidade e trazê-lo em liberdade, pagando contudo as custas do processo o seu libertador. Assim mo contavam pessoas velhas.

Na terça-feira recebiam os presos outro jantar dado pelos Paulistas; na quarta, outro dos Capuchos; na quinta, outro da Misericórdia; na sexta, outro dos Agostinhos; e no sábado, outro das Chagas.

Na quinta-feira de Endoenças há Exposição nas duas Paróquias, na Capela Real, nos Conventos, na Misericórdia e na Esperança, a expensas da Ordem Terceira desde que foi extinta a sua comunidade.

Outrora a Santa Casa distribuía de manhã um moio de pão bento em merendei ras de 200 gramas e uma posta de bacalhau no pátio a quem se apresentava para os receber, o que acabou pouco depois de 1850. Mas em 1879 restaurou - se este encargo em forma de rações cozidas. De tarde sai da sua Igreja a procissão de Bandeiras, cuja primeira é a de Nossa Senhora da Misericórdia com Cristo morto nos braços e as mais representam várias cenas da Paixão do Redentor, tanto no anverso como no reverso. Em último lugar vai o Capelão debaixo de pálio roxo com um Crucifixo grande nas mãos. Dirige-se à Esperança, Matriz, Capela Real, Chagas, Santa Cruz e Colégio, recitando-se a Ladaínha de todos os santos. E em todas as visitas dessas Igrejas se canta por música o Christus factus est, concluindo o Capelão com a oração Respice, quesumus. Nos últimos anos introduziu-se o ir atrás uma filarmónica, o que lhe deu pompa, tirando-lhe devoção porque impede recitar-se a ladaínha.

A noite os fiéis andam visitando as Igrejas em que há lausperene até às no ve horas da noite, fechando-se então aquelas em que não há matinas e são todas menos a Matriz. Nesta e na Ordem Terceira não se faz encerramento, mas continua a exposição até à manhã seguinte em que tem lugar a missa de présantificados ou Enterro do Senhor.

Desde antigos tempos fazia-se a missa de Sexta-feira Santa em ambas as Pa

róquias sem dispêndio algum das irmandades do Santíssimo, sendo promovidas pelos Priores que convidavam os cantores da Capela Real e alguns Beneficiados ou Capelães da mesma para fazerem gratuitamente este serviço e, como na Capela deviam estar prestes às oito horas, eis a razão de se fazer mais cedo aquela função em ambas as freguesias da vila.

Em Bencatel há lausperene na Quinta-feira, matinas à tarde e missa de Sexta-feira com sermão de Enterro.

Na vila faz-se de tarde na Sexta-feira a devotíssima e soleníssima Procissão do Enterro do Senhor, de que falarei em capítulo separado.

Nestes dois dias (quinta e sexta feira) há bandejas de amêndoas de açúcar e chocolate nas sacristias e garrafas de vinho, licor e aguardente para mimo sear os confrades que tomam parte nos trabalhos das funções religiosas, os clérigos e os cantores; e os fiéis brindam-se particularmente com papeliços ou caixas de amêndoas de vários feitios e côres, segundo antigos e inocentes costumes.

No sábado celebra-se o ofício e missa das Aleluias somente na Matriz quando na minha mocidade se fazia da mesma sorte em S. Bartolomeu e em Bencatel. Até 1834 era privilégio da Capela Real que fosse a sua torre a primeira a dar os repiques de alegria, como Igreja Catedral. Por esta ocasião disparam os particulares muitas bombas e tiros de pólvora seca. Não encontro memória de se praticar entre nós o "enterro do bacalhau", nem a "queima de Judas", como usam em Lisboa e noutras partes.

No domingo de Páscoa faz a Irmandade do Santíssimo da Matriz a procissão da Ressurreição com sermão ao recolher. Dela tratarei em separado.

Em Bencatel é a mesma coisa.

Inútil me parece acrescentar que até 1834 se faziam na Capela Real todas as funções da Semana Santa com tanta ou mais perfeição que em qualquer das Sés do Reino. A procissão de Páscoa era esplendorosa ainda mesmo depois de 1640 por serem obrigados a concorrer a ela todos os cavaleiros das Ordens Militares residentes na terra.

Nas freguesias rurais, exceptuando Bencatel, apenas se benzem os ramos no domingo próprio. Nada mais. Em todas elas, porém, havia sermões de quaresma aos domingos e sermão de Paixão no de Ramos prégados ordinariamente pelos Capuchos que recebiam por isso uma ténue esmola em dinheiro proveniente de finta dos fregueses e um folar, o que, por falta de pregadores, apenas vigora em Bencatel. O folar consiste em bolos, pão, carne fumada, galinhas e di nheiro conforme a resolução de cada um.

E prática antiquíssima o fazerem todas as famílias, sem excepção dos pobres salvo algum miserável, os seus bolos e folares ainda que não os façam nas demais festas, pois esta é a principal do Cristianismo e todos a celebram estreando algum fato novo e comendo o clássico folar de ovos cozidos e envoltos em massa doce com diversas formas: de galinhas, lagartos, etc.

Outros jogam às amêndoas ou bailam tangendo os instrumentos do seu gosto, etc.

Abril

Dia 5. - Outrora festa a S. Vicente Ferreira no convento da Esperança.

Algumas vezes festa a Nossa Senhora do Paraíso na sua Ermida neste mês ou no sequinte.

Maio

- Dia 3. Festa da Invenção da Santa Cruz pela Irmandade dos Passos. Incerta já.
 - 4. Dita de Santa Mónica pelos Gracianos.
 - 5. Item a da Conversão de Santo Agostinho.

No mesmo dia festeja-se o Sagrado Espinho no Convento das Chagas com missa cantada, exposição e sermão de manhã.

- 22. - Festa de Santa Rita de Cássia pelos Gracianos.

Festas Móveis em Maio e Junho

Na quinta-feira da Ascensão celebrava-se a Hora (de Noa) na Capela Real e no Convento da Piedade ao meio-dia por música de órgão. Foi esta solenidade a última feita pelos Capuchinhos em 1834. A ela concorria muita gente porque a sua Igreja, situada no subúrbio oriental e a curta distância da vila, convidava os fiéis a um passeio de primavera. Os Capuchos tinham na Igreja,

penduradas pelas paredes, muitas gaiolas de canários que misturavam o seu canto com o do coreto rivalizando em árias festivas; e o pavimento era atapeta do com flores e arbustos olorosos produzindo tudo isto um encantamento de su prema alegria. Ao *Gloria Patri* de cada salmo safam da capela-mor dois frades leigos a espargirem flores pela Igreja e alpendre, tornando pelo claustro; e de envolta com as flores saltavam algumas andorinhas retidas já de propósito para esvoaçarem pelo templo e tornarem mais alegre a função religiosa.

No domingo de Pentecostes havia outrora festa de Pontifical na Real Capela; hoje faz-se a festa de S. Bento na sua Ermida.

No domingo seguinte festeja-se a Santíssima Trindade na Matriz com missa cantada e sermão ao Evangelho.

Na quinta-feira de Corpo de Deus havia festa com exposição e sermão nos dois conventos de Clarissas. A Irmandade do Santíssimo de Bencatel fá-la no domingo infra octava; a da Matriz no primeiro domingo depois da Assunção de Nossa Senhora; e a de S. Bartolomeu no imediato seguinte - o que já tem si-do alterado. Agora há outra em S. Romão em Julho ou Agosto pela respectiva Irmandade.

No domingo infra octava de Corpus Christi era a procissão da Capela Real. Nesta mesma fazia-se desde 1763 a festa do Sagrado Coração de Jesus com prévia novena; e sem ela a faziam também as freiras das Chagas e da Esperança, todas com exposição e sermão.

A procissão municipal do Corpo de Deus é no dia próprio ou no domingo ime diato se ocorre algum inconveniente. Dela farei uma descrição à parte.

Junho

No terceiro domingo depois do Pentecostes é em Bencatel a festa da Senhora do Alcance.

Este mês de Junho, conhecido entre o povo mais comummente por mês do S. João, é muito dado a festas populares. Pelas ruas e pelos campos ouve-se com frequência entoar cantigas a S. João e a Santo António acompanhando-as com o rufar de pandeiros e o estrépito de trancanholas. Acendem-se fogueiras e queimam-se foguetes em honra daqueles dois santos e também do PrIncipe dos Apóstolos, na véspera das suas respectivas festas. Nestas ocasiões levantam

~se mastros com bandeiras ou bonecas no cimo; fabricam~se fontes de repuxo; e por vezes também aparecem algumas figuras burlescas no meio desses jardins improvisados.

Dia 13. - Festa a Santo António na sua Igreja com trezena até 1860 (pouco mais ou menos) e sermões de manhã e de tarde. Outra no Convento das Chagas ao seu Santo António da Paz, neste dia ou na oitava. Outra até 1833 no Convento dos Capuchos.

A 24 festa de S. João Baptista na sua Ermida com sermão de tarde. Algumas vezes tem tido novena.

Em 29 é a festa de S. Pedro na Matriz e em Bencatel na Ermida própria com missa cantada e sermão e na Matriz com vésperas de música.

Julho

- Dia 2. Festa de Nossa Senhora da Misericórdia na Santa Casa e eleição de nova mesa gerente no dia seguinte.
- 4. Dita de Santa Isabel, Rainha de Portugal, com sermão na Ordem Terce<u>i</u>ra.
- 16. Dita de Nossa Senhora do Carmo no Colégio por conta das Beatas e na Matriz por conta da respectiva confraria. Ambas com sermão, sendo o da última de tarde.
 - 25. Festa do Apóstolo S. Tiago na sua Ermida, hoje incerta.
- 26. Festa a Santa Ana outrora no convento da Esperança e no Colégio e agora no de Santa Cruz e em Bencatel no domingo imediato seguinte.

Agosto

Neste mês e no seguinte abundam as festas votivas na vilae nas freguesias rurais, havendo por isso duas e três em todos os domingos. Em Bencatel, há a festa grande ou régia de Santa Ana. Em Pardais, a de Santa Catarina. Em S. Romão e nas Ciladas, a de Nossa Senhora do Rosário - todas com arraial de música, fogo e luminárias de véspera ou no próprio dia à noite. Em Pardais, em tempo, havia cavalhadas e em S. Romão corrida de touros.

- Dia 4. Festa a S. Domingos na sua Ermida. Hoje é incerta.
- Dia 5. Outrora (até 1858 pouco mais ou menos) festa a Nossa Senhora do Amparo no seu convento do Rossio.
- 12. Dita de Santa Clara nos dois conventos das Chagas e da Esperança pe las respectivas comunidades.

Nos dias 14 e 15 festa de Nossa Senhora da Boa Morte no Convento das Chagas com quatro sermões e procissão pelo Terreiro do Paço. Há porém alguns anos que não se recita o sermão de tarde no dia 14, reduzindo-se a festa des se dia só à de manhã. Os quatro sermões eram sobre Morte, Ressurreição, Assunção e Coroação da Santíssima Virgem, havendo sempre exposição do Divino Sacramento desde a manhã até à tarde. Falarei da procissão em capítulo à parte.

No mesmo dia 15 celebram os Escravos da Matriz a sua festa da Assunção com dois sermões, exposição do Santíssimo desde a manhã até à tarde e vésperas solenes no dia 14.

- 24. Festa a S. Bartolomeu na sua Paróquia, ordinariamente sem sermão.
- 28. Festa a Santo Agostinho no Convento da Santa Cruz e outrora também no dos Gracianos.
- 29. Dita da Degolação de S. João Baptista no Convento das Chagas, já suprimida há muitos anos.

Setembro

No primeiro domingo festa a S. Luís na sua Ermida.

Dia 8. – Festa de manhã e de tarde a Nossa Senhora da Lapa com novena, vés peras e grande arraial no dia 7 à noite e algumas vezes outro no mesmo dia 8. Neste festeja-se igualmente a Nossa Senhora de Uterera no Convento da Santa Cruz.

Na segunda-feira depois do terceiro domingo de Setembro fazem os romeiros de Evora-Monte uma festa à Senhora da Conceição e outra à da Lapa, ambas com sermão.

Af por 1870 criou-se uma festa da Senhora da Lapa com dois sermões e promovida por jovens de ambos os sexos, adquirindo por isso o nome de *festa dos rapazes*. Depois de se fazer por alguns anos na Igreja própria, passou, por motivo de desinteligências, a ter lugar nas Chagas em Setembro ou Outubro.

Na mesma quadra se faz no Colégio a festa de Nossa Senhora da Saúde.

No domingo segundo celebra-se, desde 1863, a grande festa do Senhor Jesus da Piedade na Igreja dos Capuchos, a qual tem de véspera o maior arraíal da actualidade com música, fogo e iluminação de côres e tourada no próprio dia de tarde. E feita com esmolas.

No terceiro fazem na mesma Igreja a festa do Senhor Jesus dos Aflitos que é antiga e promovida hoje por jovens. Também tem agora arraial, festa de ma nhã e de tarde com procissão.

Dia 10. - Outrora festa a S. Nicolau Tolentino por conta dos Gracianos na sua Igreja onde se distribuíam bolinhos aos fenfeitores do seu culto, segundo Cadornega, como ainda se usa na festa de S. Luís e no ofício das Almas do Espírito Santo e já se usou na festa da Conceição.

- 17. Festa das Chagas de S. Francisco na Ordem Terceira com procissão do mesmo santo recebendo a impressão das Chagas, mas isto somente no largo da fonte do Alandroal.

No último domingo é em Bencatel a festa de Nossa Senhora das Mercês.

Dia 29. - Festa de S. Miguel Arcanjo na Igreja do Espírito Santo por conta da confraria das Almas e outro tanto em Bencatel.

- 30. Outrora, ou até 1834, grande festa a S. Jerónimo, antigo padroeiro da Capela Real, com vésperas, matinas de música e missa de Pontifical.

Outubro

Dia 4. - Festa a S. Francisco de Assis nos conventos de Clarissas e no da Piedade. Aqui tinha matinas por música, às quais concorriam os cantores da Real Capela e muitos padres seculares a quem o Guardião convidava para o jantar, o que se repetia na festa da Senhora da Piedade, Orago da Casa.

No primeiro domingo faz-se a festa do Rosário na Igreja do Espírito Santo e em Bencatel e no segundo tem lugar no Colégio a da confraria de S. Paulo. Esta era muito pomposa no tempo dos Paulistas, havendo festa de manhã e de tarde e procissão pelo Rossio com a Senhora, S. Domingos, S. Vicente Ferrei ra e o Menino Jesus dos Terços. Depois de 1870 voltou à mesma pompa, salva a diferença de não irem na procissão os dois santos mencionados, tendo aliás de mais um arraial de véspera com luminárias, fogo e música.

Até 1834 fazia-se também nas Chagas outra festa do Rosário como título do Lepanto em acção de graças pela vitória alcançada contra os Turcos em 7 de Ou tubro de 1571 no Golfo do mesmo nome. Era concorrida pelo Cabido e coreto da Real Capela e pelas comunidades fradescas. Tinha procissão pelo Terreiro do Paço, levando quatro Capelães ou Beneficiados o andor de Nossa Senhora.

No quarto domingo de Outubro tem lugar a festa de Nossa Senhora da Piedade no Convento dos Capuchos sendo precedida hoje ainda por novena, tudo a ex pensas de devotos seus.

Dia 10. - Outrora festa no Colégio a S. Francisco de Borja.

No último domingo era a festa de S. Crispim promovida pela sua Irmandade. Chegou a fazer-se com muita pompa no ano de 1850 e seguintes, mas hoje está suspensa.

Novembro

Neste mês, a que o povo chama das almas, fazem-se muitos ofícios fúnebres aos domingos nas freguesias rurais e na vila de semana porque todas as confrarias têm obrigação de sufragarem as almas dos seus irmãos defuntos e outros encargos semelhantes.

Vários devotos, principalmente no campo, andam cantando pelas portas reclames poéticos a favor das almas do Purgatório nas noites dos sábados e entregam aos Párocos ou tesoureiros das confrarias a colheita de esmolas, salva a dedução de um almoço para os cantadores.

Dia l. - De tarde há dobres de finados em todas as Igrejas e cantam-se vés peras e matinas de canto chão em ambas as Paróquias urbanas por devoção do clero e na Capela Real por estatuto ainda conservado.

Pouco depois costumam os Clérigos fazer outro ofício por seus pais e mães.

O mais solene de todos os ofícios de finados é o dos Duques de Bragança, feito em Santo Agostinho por estarem ali as suas ossadas. Depois dele é o das Almas pela confraria do Espírito Santo com vésperas e matinas de música num domingo à tardinha e missa e absolvição no seguinte. O dos irmãos da Misericárdia, de S. Pedro e Terceiros também são por música. Em 11 canta-se por música igualmente uma missa por D. Pedro V, depois de um ofício de canto chão feito de véspera, etc., etc.

A Misericórdia, além do ofício pelos irmãos e benfeitores da Casa, tem a

seu cargo um ofício e missa pelas Almas do cemitério da mesma e que vema ser pelas almas dos que falecem naquela Santa Casa. O cemitério, que era pequeno e se acha agora profanado e metido no quintal do sul da Misericórdia e constituindo tudo um parque no jardim, foi fabricado no ano de 1610 e a 30 de Junho do mesmo ano se fez o primeiro ofício fúnebre por estas almas. A razão disso é porque os defuntos do hospital tinham até então sepultura no adro de S. Bartolomeu, hoje Praça Nova. E porque apareciam por vezes as ossadas à su perfície da terra, determinou a mesa daquele ano económico (1609-1610) fabricar o dito cemitério.

Ainda se faz o offcio também por música, mas outrora com mais pompa; e, ao terminarem-se as matinas, safa pela Praça a procissão do esqueleto que não chegou ao meu tempo. Esse esqueleto era conduzido num esquife assistindo a confraria da Misericórdia e os Clérigos do offcio com tochas acesas e recitando todos alguns salmos como nos enterros. A muita gente causava isto horror; porém a intenção dos promotores de tal procissão era unicamente inspirar aos fiéis o saudável temor da morte e a compaixão para com as almas dos nossos irmãos defuntos.

Nos quatro domingos do Advento havia na Matriz sermões doutrinais pagos pelo cofre municipal e prégados antes de 1759 pelos Jesuítas e depois disso pelos Capuchos, o que da mesma sorte acontecia nos domingos da quaresma. Se gundo uma Provisão da Junta da Casa de Bragança de 1768, a esmola por todos estes sermões era de dez mil réis. (1) Porém no ano de 1789, por outra Provisão, foi-lhe elevada a 16\$000 réis com obrigação de prégarem também o panegírico de S. Sebastião. (2) Depois de 1834 nunca mais a Câmara satisfez estas despesas.

Dia 25. - Festa de Santa Catarina em Pardais.

Dezembro

Dia 8. - Grande e soleníssima festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora na Matriz. E precedida por uma novena que começa a 29 de Novembro - novena instituída aí por 1840, pouco mais ou menos, algum tanto depois de se criar

⁽¹⁾ Livro 5 dos Registos.

⁽²⁾ Ibid., Livro 6.

a novena da Lapa. Tem Vésperas solenes de cinco ou sete capas e coreto de música de órgão com vozes dobradas, contrabaixos e violinos. É o mesmo sucede nas Matinas e festa de manhã e de tarde. Na véspera à noite a iluminação é geral na vila. A Casa de Bragança põe luminárias no Palácio Real e a Câmara nos Paços do Concelho. No outro dia, que é de grande gala, iça-se a bandeira Real no Palácio e o estandarte municipal flutua pendente duma das janelas do Senado. Há grande concurso de gente das terras circunvizinhas que deposita muitas esmolas na bacia patente à entrada do templo. Não se faz arraial, nem há fogos de artifício ou touradas, sendo por conseguinte uma festa puramente religiosa.

As vésperas, matinas e festa de manhã correm por conta da Capela Real. A confraria dos Escravos paga metade da despesa da novena. A armação, os dois sermões e o mais é satisfeito pela confraria de Nossa Senhora.

- 13. Festa de Santa Luzia na sua Igreja com sermão.
- 18. Até 1865 festa de Nossa Senhora da Esperança ou do O no seu conve<u>n</u> to com missa cantada, exposição e sermão.
- 24. Outrora Matinas de Natal na Real Capela e nos conventos de Frades. Item no convento das Chagas até 1860 (pouco mais ou menos), seguindo-se missa cantada à meia-noite chamada pela hora missa do galo. Esta é dita rezada nas paróquias urbanas e rurais e algumas vezes tem sido cantada na Matriz. A missa conventual do dia 25, ou terceira, era de Pontifical na Real Capela e solene em todos os conventos.
- 27. Festa de S. João Evangelista no Colégio em tempo dos Jesuítas e no convento da Esperança.
- 31. Te Deum de tarde por se chegar ao fim do ano em todos os conventos, paróquias urbanas e Capela Real, o que já se não faz.

E imperfeito o anuário que deixo exarado por serem já desconhecidas a maior parte das festas dos conventos de Frades e até muitas das que as Freiras suprimiram por falta de meios. Tanto para estas como para aqueles era fácil realizar qualquer função religiosa porque tinham o pessoal necessário para o altar e para o coreto e assim a despesa ficava reduzida à cera ou, quando muito, a algumas propinas.

No Colégio faziam-se em dia incerto ainda no meu tempo as festas de Nossa Senhora do Socorro e de Santa Quitéria que tinham rendimentos próprios.

Nas Ciladas faz-se também a festa de S. Mamede, pastor, em dia incerto.

Quanto às funções da Capela Real, pode rever-se a tabela dos Estatutos de D. Teodósio II que deixei no lugar competente e não foi sensivelmente alter \underline{a} da pelos Estatutos novos de El-Rei D. João V.

Repito, as festas antigas ou anteriores a 1834 na nossa vila e termo eram em muito maior número. Nasci já tarde para poder informar bem a este respeto.

CAPITULO XXXIX

Festas e procissões gerais e municipais antigas. Sua forma. Suas classes e número. Notícias diversas a este respeito.

Das festas cristãs resultava que, apesar das tristezas da vida, a religião tinha encontr<u>a</u> do meios de perpetuar de raça em raça alguns momentos de felicidade.

(Chateaubriand - Génio do Cristianismo)

Ι

As festas e procissões antigas entre nós tinham um carácter particular que lhes dera o génio do tempo: razão por que hoje se torna curioso recordar as suas feições.

Diz-se que a mais antiga das nossas procissões gerais ou nacionais é a do Corpo de Deus, introduzida em Portugal no tempo de El-Rei D. João I. E, como este soberano declarara a S. Jorge por Defensor do Reino, foi desde então levada a sua figura na dita procissão com acompanhamento de escudeiro, alferes e música de trombetas e tambores, ao que damos hoje o nome de "estado-maior". Porém, Alexandre Herculano, dando-nos uma descrição dela em tempo do mesmo Rei, não menciona tal imagem. (1)

Por esta guisa se foram organizando novas procissões gerais em que as festas populares vinham abrilhantar o culto religioso, em turmas distintas, tor nando-o assim mais alegre e prazenteiro. Ora, como os tempos então eram cavalheirescos, a cavalgada ocupava sempre um lugar importante nas festas religiosas como ainda sucedia em tempo do Duque D. Teodósio II e no-lo refere Frei Manuel Calado.

Decaído na vila depois de 1640 o uso das cavalgadas ou cavalhadas, fica - ram estas subsistindo apenas nas nossas freguesias rurais. Com efeito, nos meus dias ainda se conservavam nas festas régias de S. Romão e Pardais e eu

⁽¹⁾ Monge de Cister.

mesmo assisti a umas em Santo António de Capelins, termo de Terena, a 3 de Se tembro de 1859. Recordemos isto. Detrás da Igreja Paroquial estava prepara da a arena com paus levantados e cordas postas através dela onde se penduravam com fitas pombos e frangos para os galhardos cavaleiros, correndo a toda a brida com a lança em riste, botarem aquelas aves, o que só logravam os mais peritos que, ufanos, iam ofertar na ponta da lança a pessoas amigas o frango ou pombo trespassado. Nos intervalos ou descansos tocava uma filarmónica so bre um terraço junto da arena, etc.

Isto foi na véspera à tarde. No dia seguinte, depois da festa, safu a procissão de Santo António e teve então lugar de ver pela primeira e última vez as danças religiosas, semelhando a do Rei David que, como todos sabem, dançou em frente da Arca da Aliança ao som do seu psaltério quando ela foi tras ladada para o monte Sião em Jerusalém. Quatro homens (se bem lembrado estou) de saiotes e mitras na cabeça com tufos de fitas e guitarras nas mãos dançavam constantemente diante do andor, indo sempre de recuas para lhe não darem as costas.

Aquilo para mim foi como se achasse um monumento de arqueologia e disse com os meus botões: - Eis aqui em Terena o resto do que há dois e trés séculos se fazia pelas vilas e cidades mais notáveis!

Tornando a Terena em 1880, vi guardadas as vestiduras dos profetas dançantes na Igreja da Boa Nova, mas soube estarem já suspensos ou extintos aqueles divertimentos de tão antiga data.

O que eu vi em Vila Viçosa, e uma só vez, sendo muito rapaz, foram umas "sombrinhas" em tempo da festa do Natal. Um carro coberto e enramado percorria de noite as nossas ruas e largos com tangedores de instrumentos musicais e fazia de quando em quando as suas estações. Então, achando-se iluminado o interior do carro e o fundo tapado com paninho branco transparente, passava o mestre das sombrinhas certas figuras de papelão cuja sombra se deixava perceber claramente através da luz, falando ele pelas figuras que se mostravam de passagem. Era isto uma espécie de panorama umbroso e transitório, mas bas tante variado e galhofeiro.

Está mudado, com efeito, o génio do tempo, mas não para passarmos a vida mais folgada com prazeres inocentes. Até aos nossos dias nunca faltavam as comédias de arraial nas festas principais ou régias das vilas e aldeias deste cantinho do Alentejo: os festejos populares estão hoje reduzidos unicamente à música de bandas marciais, fogos de artifício e iluminações com alguns bailes de gente campestre em redemoínho no meio disso. Tudo é mais se-

vero e portanto menos atraente. A Igreja não condena os divertimentos sensíveis, uma vez que todos se refiram à maior honra e glória de Deus, e é neste suposto que S. Paulo não hesitava em dizer aos cristãos de Filipes: - Gozai-vos, alegrai-vos sempre no Senhor; ainda vo-lo torno a dizer: Alegrai-vos contanto que seja manifesta aos olhos de todos a vossa modéstia. (1) Uma vez que os divertimentos fossem honestos e não ofendessem a boa moral, foi sem pre lícito aos cristãos o seu uso e assim eles suspiravam até pelas suas festas religiosas que faziam a sua íntima alegria pública e doméstica, já figurando nos espectáculos, já sendo meros assistentes.

Segundo Cadornega, a festa da Conceição, apesar de ter lugar no triste De zembro, não deixava de ser bem vistosa no seu tempo que era o princípio do século XVII. Na primeira turma ou secção avançada, que era a de carácter ci vil, caminhavam algumas vezes três carros triunfais de elevadíssima altura, uns com tangedores de harpas, outros de charamelas, fagotes e trombetas; e entre esses carros iam redemoinhando algumas danças como aquelas que ainda nós vimos em Terena e outras semelhantes. Depois seguia-se a turma eclesiás tica ou cortejo religioso propriamente dito com cruzes, irmandades, andores e por último o pálio com o Santíssimo Sacramento, a cujas varas pegavam os Duques, seus irmãos e filhos e na falta deles os oficiais maiores da sua cor te.

Aquilo, sim, que era bem divertido e atraente fazendo correr sôfregos à nossa vila os habitantes das circunvizinhanças.

O resto da oitava festa da Conceição, acrescenta Cadornega, era diariamente entretido com fogos de artifício, torneios, danças, chacotas, cavalhadas, encamisadas, alcanzias, touradas, argolinha, caracóis, etc. (2) Ora, isto se variava de pompa nalgumas festas não deixava então de ser comum a todas, como já tenho deixado entrever atrás em diversos lugares.

Em capítulo de 26 de Janeiro de 1654 deliberou o Cabido de Evora que se passasse pastoral proibindo que neste arcebispado se fizessem procissões com figuras de vivos. (Arquivo Eborense n^{o} 3). Figuras de santos?

Nesses antigos tempos os Portugueses eram Portugueses e Cristãos e ainda primeiro Cristãos que Portugueses. Por isso mesmo organizaram-se os ofícios ou indústrias em corpos colectivos ou grémios tendo cada qual o seu juiz e es

Gaudete in Domino semper; iterum dico: Gaudete. Modestia vestra nota sit omnibus hominibus. - Ad Philip., IV, 4, 5.

⁽²⁾ Descrição de Vila Viçosa.

crivão para lhes presidir e da mesma sorte que figuravam nas congregações da vida civil e política, assim compareciam nos actos religiosos com insígnias próprias guiados por uma bandeira na turma civil ou representante da vila. Mas no século XVII começava já a decaír esta organização, não obstante os es forços da Câmara para mantê-la, como veremos adiante. No século seguinte con gregavam-se em irmandades os carpinteiros e os sapateiros e curtidores e dei xando a turma da vila passavam-se para a da Igreja. Algumas vezes a Câmara declarou isentos de comparecerem nos grémios dos ofícios os artistas que eram irmãos do Santíssimo ou da Misericórdia e assim, pouco a pouco, se extinguiu no século passado a organização dos ofícios para o fim de comparecerem nas procissões gerais, passando a maior parte a filiar-se nas confrarias e a figurarem com opas sob as cruzes destas. Mas o cortejo das procissões diminuíu muito porque nem todos os artistas, agricultores, hortelões, padeiras, etc. pertencem a irmandades.

Aos nossos dias chegou apenas em vigor o concorrerem barbeiros e ferrei - ros a segurar os estribos de S. Jorge na procissão do Corpo de Deus e o juncarem os hortelões com espadana o trânsito da mesma procissão.

Nesses dias de festa e procissão geral era repicado o relógio pelo relojoeiro e o sino de correr pelo porteiro de manhã ao alvorecer, ao meio-dia e às trindades, o que ainda se pratica nos de grande gala.

11

Vejamos agora de quantas classes eram as nossas procissões gerais e qual o seu número, segundo o que li no cartório municipal.

As procissões gerais eram de lº e 2º classes, mas a esta última só pertenciam a da publicação da Bula da Cruzada e as das três LadaInhas de Maio.

A mais antiga das procissões gerais ou nacionais e municipais era a do Corpo de Deus que El-Rei D. João I, conforme dizem, mandou organizar, obrigando os tribunais civis, os militares e oficiais mecânicos a comparecer nela constando assim o préstito de duas turmas e representando a primeira a vila ou cidade e a segunda a Igreja com o seu clero, imagens, etc.

A segunda procissão geral era a da Assunção ou Santa Maria de Agosto que reputo preceituada pelo mesmo Rei, muito devoto deste Mistério da Santīssima Virgem por ter ganho na véspera a batalha de Aljubarrota.

A da Ressurreição ou de Domingo de Páscoa é também antiguíssima.

El-Rei D. Manuel juntou a estas três a da Visitação de Nossa Senhora a 2 de Julho e a do Anjo Custódio do Reino que se festeja no domingo terceiro do dito mês. Foi instituída em 1504. Nas cartas de comunicação às Câmaras, dizia o Rei: "E ante o que em esta procissão fareis, mandareis fazer uma ban deira grande em que irá pintado o Anjo, na maneira em que está em cada um dos ofícios que são imprimidos para se rezarem este dia; e ao pé da pintura será escrito em letras grandes e bem vistosas estas palavras: Custos Regni et oppidi; e esta bandeira irá na procissão detráz de todas as cruzes e a levará o alferes da vila se aí o há e, não o havendo, levá-la-á um dos juízes da dita vila ". (Do Concelho de Elvas de V. Almada, art. Anjo).

D. João III elegeu S. Sebastião por Padroeiro do Reino contra a peste. Mandou que os Municípios lhe erigissem Igreja ou Capela e lhe fizessem festa com procissão geral no seu dia natalício.

Neste mesmo tempo, ou pouco depois, estabeleceram-se mais duas: uma de Santo António a 13 de Junho e outra de Nossa Senhora da Conceição a 8 de Dezembro.

A estas juntou a nossa Câmara em 1648 uma acção de graças pela feliz acla mação de El-Rei D. João IV e independência de Portugal. Foi estabelecida para o dia 1º de Dezembro, mas logo depois adoptaram e celebraram-na antes no primeiro domingo deste mês e ao cabo de poucos anos decafu por lhe ficar próxima a procissão da Senhora da Conceição no dia 8 com a qual a fundiram visto achar-se constituída Padroeira do Reino e ter já igual significação histórica e civil.

E1-Rei D. José acrescentou mais duas em 1756: uma em honra de S. Francis co de Borja por ele declarado Padroeiro do Reino contra os terramotos e outra em honra do Patrocínio de Nossa Senhora no domingo depois da oitava de Todos os Santos em acção de graças por escapar do terramoto do 1º de Novembro de 1755 toda a Real Família, pedindo ao Papa que tivesse jejum na véspera. A primeira decaíu passado algum tempo, ficando reduzido o voto do Monar ca a fazer-se com mais pompa nas Igrejas capitulares a sua festa em 10 de Outubro e a haver repiques de sinos e luminárias em todas as torres, mas a segunda persistiu até 1850 pouco mais ou menos.

Total das procissões gerais e constantes - 9.

Nestas era obrigada a comparecer a Câmara posto que os seus oficiais ven-

⁽¹⁾ Corografia Portuguesa, Tomo 2, pág. 427 e Ordenação do Reino do mesmo D. Manuel "in fine".

cessem por isso algumas propinas, e bem assim com ela todos os pautados para os cargos municipais, juntando-se-lhes os ofícios embandeirados sob multas pe cuniárias estabelecidas na colecção de Posturas. Porém nas procissões secun dárias da Bula e das Ladaínhas não eram obrigados a concorrer os ofícios, mas sim uma pessoa de cada casa ou quem a representasse ainda mesmo que fosse ra paz ou mulher, sob pena de 500 réis. Por isso o rendeiro da vila postava-se na Praça Velha com os seus jurados ao pé do pelourinho para tomar nota dos omissos e ouvir explicações dos que iam responder por outrém.

Acabou tudo isto em 1834, excepto as procissões de Corpo de Deus, de S.Se bastião, Santo António e do Patrocínio de Nossa Senhora, às quais ainda concorreram algumas Câmaras. Vendo, porém, o Clero que não concorriam os Verea dores nem irmandades algumas, deixou-se ele também disso ficando somente em vigor a procissão de Corpo de Deus.

No entanto observarei que no Alandroal ainda a Câmara assiste, além disso, às procissões de S. Sebastião e Ressurreição com varas e estandarte e à festa que se lhes segue.

III

A forma das procissões gerais não era igual em todo o Reino, mas notavam-se usos e estilos diferentes no que toda à parte acidental de figuras, colo cações de corpos colectivos, etc. Por isso mesmo, com o fim de esclarecer o que vigorava entre nós, darei alguns extractos de Vereações pelas quais se po de apalpar (digamo-lo assim) a ordem e forma dessas procissões e principal -mente da de Corpo de Deus que era a mais solene de todas, bem como a histó -ria da sua decadência.

Quem ler também no *Monge de Cister* a descrição da procissão de *Corpus Chri<u>s</u>* ti em tempo de El-Rei D. João I fica formando uma ideia exacta do que eram estas procissões.

Convém, porém, advertir que a procissão do Corpo de Deus era feita com pom pa também pelas irmandades do Santíssimo Sacramento da Matriz e de S. Bartolomeu. E porque dispendiam muito nestas procissões acordaram por escritura lavrada nas Notas do tabelião André de Barros a 27 de Julho de 1614 fazer anualmente uma só procissão, cabendo num ano à irmandade da Matriz e no outro à de S. Bartolomeu e assim alternadamente.

Sabbado 24 de janeiro. Acordo sobre os oficiaes macanicos; das insignias que hão de levar em seus oficios nas pursições geraes e solenes de todo o ano, e das cousas que pertencem a seus oficios.

E logo na dita Camera, semdo presentes o dito Juiz e vereadores e procura dor do Concelho, acordarão e mandarão por postura que por rezão de os oficios maganicos, que são obrigados àcompanhar as pursições geraes de todo o ano com seus oficiaes, acharão e alcansarão que muitos dos oficios faltarão com suas obrigasões por as darem a esquesimento; pelas quaes rezões asemtarão que to dos os oficios e cada um d'elles fosem obrigados àcompanhar as ditas pursições com as imsinias pertemsentes a seus oficios. (1) E os que se acharão que faltavão, são os seguintes: os ortelões com sua carreta enramada e suas insinias nas mãos; e os alfaiates (com) a serpe e os cavallinhos fustos, quem pertemcer; e a pella (2) dos almocrés, alem da pella das padeiras e regateiras: e o bem-aventurado São Jorge os serralheiros e barbeiros; os Reis magos os taverneiros e estalajadeiros; e o bem-aventurado São Estevãos mesmos estalajadeiros e taverneiros; e Santa Maria d'asninha na forma do costuma; e o diabo dos cardadores e teselões, tudo na forma do costume antigo que não convem que se perqa. E as pessoas que tem as ditas obrigasões, faltando com qualquer dellas nas dictas pursições, (4) pagará cada um dos ofi cios e pessoas delles que tiverem a dita obrigasão, seis mil reis pagos da cadêa, a metade pera o conselho e a outra metade pera o acusador. E foi apre goado da janella da Camera por António alveres do Rio, purteiro do conselho. E eu Belchior Gracia da Silveira, Escrivão da Camera, que o escrevi. - Camões. - Coelho. - Sousa Tavares. - Moura ".

(1) Levavam na mão estas insígnias ou distintivo de que ainda não achei explicação.

⁽²⁾ Alexandre Herculano explica no Panorama, vol. V, pág. 310, o que era a Pela. Era um homem vestido de moura levando em pé sobre os ombros uma rapariga vestida de panos cosidos em ouro e talhados de galantes e variados modos. Com aquele peso bailavam — a moura levemente ao som do tambor, enfunando—se com o vento os vestidos da rapariga que fazia por sua vez algumas pelóticas, v.gr. esvoaçando um lenço por vários modos, ora com a mão direita, ora com a mão esquerda, segurando—o debaixo do braço, ora nas costas: momos estes que depois repetiam com faças por diversas maneiras.

⁽³⁾ E nossa Senhora fugindo para o Egipto montada numa jumenta com S. José adiante.

⁽⁴⁾ Disto se vê que a forma das procissões gerais devia ser igual em todas.

15 de Março de 1687. - Foi apresentada em Câmara uma Provisão do Arcebispo de Evora, D. Domingos de Gusmão, em que o Prelado mandava, sob pena de ex
comunhão, que a imagem de Santa Catarina dos alvenéus só precedesse a bandei
ra da Câmara e a dos lavradores e todas as mais fossem adiante da dita imaqem.

Resistiram os almocreves com quem era o pleito dos alvenéus apresentando uma certidão do costume da vila de Borba que era irem os almocreves adiante dos lavradores, mas a Câmara, reconhecendo que o costume contrário era o seguido entre nós desde tempos imemoriais, manteve esse costume fazendo inteiramente guardar a Provisão do Arcebispo.

Do exposto parece deduzir-se que os alvenéus foram os primeiros artistas a adoptar o uso das imagens de escultura levadas em andor, acabando assim com as figuras de santos representadas por gente viva (rapazes, raparigas e homens).

1º de Julho de 1699. - Foram condenados em mil réis de multa por faltarem à procissão de Corpus Christi com a sua dança o juiz dos carpinteiros, o dos alvenéus, o dos tintureiros e o dos trapeiros.

12 de Junho de 1700. - De novo impôs a Câmara diversas multas, individuais e colectivas, aos que faltaram à dita procissão de *Corpus Christi*, o que dá a entender que os Vereadores fechavam os olhos quanto às ausências nas outras procissões gerais, porém queriam que esta ao menos se mantivesse na forma antiga.

A relação destas multas pode ver-se no capítulo 71 da Primeira Parte e Tomo II onde a deixei exarada.

7 de Maio de 1701

Empenhada a Câmara em que se conservasse a procissão do Corpo de Deus sem alteração do antigo costume, formula as seguintes

"Disposições para a festa de Corpus Christi.

E logo na mesma Vereação acordaram os sobreditos Juiz e Vereadores e Procurador do Concelho que o porteiro notificasse a Alvaro Machado $^{(1)}$ para dar a figura de El-Rei David, dia de *Corpus Christi*, sob pena de pagar 3\$000 réis

⁽¹⁾ Ourives ou prateiro.

e de 30 dias de cadeia; e a Domingos Afonso, juiz dos almocreves, para que por si e os mais homens do seu viver dêem as figuras dos gigantes no mesmo dia, sob pena de pagar cada um almocreve que não concorrer mil réis da cadeia; e que fossem notificados os estalajadeiros para concorrerem no dito dia com os três Reis Magos, sob pena de paqar cada um três mil réis e da cadeia; e Maria Pinheira, como juíza das padeiras, para que com as mais desta vila preparem duas pelas (1) para o dito dia, sob pena de 3\$000 réis e 30 dias da cadeia; e que fossem notificados so juízes dos solteiros, barbeiros, ferreiros e serralheiros para que ajustem entre si qual oficial dos ditos off cios há-de dar no dia referido a figura de S. Jorge, pagens, cavalos e alferes com pena de pagar cada um três mil réis e de trinta dias de cadeia e de pagar cada um oficial que não concorrer na forma do ajuste dos juízes dez tostões da cadeia; e que fosse notificado Francisco Roiz, como juiz dos forneiros, para que sob pena de 3\$000 réis e de 30 dias de cadeia com os do seu oficio, sob pena de pagar cada um dez tostões da cadeia, preparem para o dito dia a figura de Santa Maria da Asninha; (2) e que fosse notificado Francisco Roiz Vinagre, como juiz dos vendedeiros, para que sob pena 3\$000 réis e de 30 dias de cadeia, com os mais do seu trato, sob pena de cada um pagar dez tostões da cadeia, preparem música de canto de órgão para o dito dia; e que fosse notificado Francisco Frz. Bexiga, como juiz do offcio dos moleiros, para que ... (sob a mesma pena), com os mais do seu offcio, sob pena de pagar cada um dez tostões da cadeia, concorram no dito dià com as suas danças; e que fossem notificados os juízes dos alvenéuse carpin teiros para ... (sob a mesma pena), cada um com os mais oficiais, sob de mil réis pagos da cadeia, concorram com a sua dança no dito dia; e que fossem notificados os juízes dos oficiais dos ofícios de trapeiros, tecelões de linho e de la para que cada um ... (sob a mesma pena) com os seus ciais sob pena de paqar cada um mil réis da cadeia, concorram no mesmo com outra dança; e os mercadores para que sob pena ... (a mesma) concorram com seis anjos, (3) sendo juiz João Rodrigues; e o juiz dos alfaiates para que sob a dita maior pena imposta também ao juiz dos sapateiros concorram com a serpe e o dragão (4) e ajudando os mais oficiais sob pena de pagar cada um

(1) Já expliquei atrás o que isto era.

(4) Serpente e dragão de asas.

⁽²⁾ Também já fica explicado atrás. Ali, porém, não estava esta figura a cargo dos forneiros.

⁽³⁾ Estes continuam ainda sendo muito usados.

dez tostões da cadeia; e o juiz Afonso Coelho Branquinho para que, sob a dita pena maior, concorra com o diabrete (1) e os mais oficiais, com pena de pa gar cada um dez tostões da cadeia; e Manuel Fernandes, como juiz dos hortelões, para que sob a mesma pena maior, concorra com o carro enramado e discante e tambor com os mais oficiais dos hortelões, sob pena de cada um pagar dez tostões da cadeia, com declaração de que os juízes serão notificados em pessoa, e para os mais se lançará pregão, declarando-se que contribuam com a finta que lhes repartirem os juízes dos seus ofícios ou misteres; de maneira que serão executados depois que uma vez os avistarem os ditos juízes, além de serem multados na forma atrás escrita; de que mandaram fazer este termo, etc "

Estes preciesos documentos dão-nos uma ideia exacta do lugar que ocupavam nas procissões os diversos ofícios e das figuras que nelas iam.

Creio que as disposições antecedentes regulam a forma do préstito, começando pelos postos de maior honra que são os detrás e seguindo até aos da frente em que primavam os hortelões estendendo talvez a espadana.

Não encontro mencionados os lavradores, acaso por serem pontuais no comp<u>a</u> recimento, e deveriam caminhar entre os ourives e os almocreves, seguindo-s<u>e</u> -lhes os mais conforme a etiqueta do costume.

Quanto às insígnias que cada oficial devia levar na mão, excepto os juízes que tinham varas, não sei informar porque não o explicam os documentos registados, mas conjecturo que fossem ferramentas ou artefactos ou frutos do seu mister.

IV

Não se espantem os leitores da esquisitice das figuras então exibidas na turma civil das procissões gerais porque ainda subsiste muita coisa igual ou semelhante em várias terras do Reino, sem exceptuar a própria Corte de Lisboa: anjinhos, padeirinhas ou verónicas e madalenas ainda as temos e teremos por toda a parte.

Loucos são os que zombam disto porque não olham a que os impios de caso

⁽¹⁾ Segundo o atrás declarado pertencia aos cardadores e tecelões.

pensado alcunham de palhaçadas todas essas figuras... Eles miram a tirar às procissões os atractivos que nelas encontra o povo tornando-as sensaboronas por meio de uma austeridade excessiva porque sabem que logo que o povo as abandone estão suprimidas por natureza. E o povo e não os grandes que sempre tem sustentado o culto público.

Nós temos ainda côcas na procissão de Cinzas e na do Enterro do Senhor conservam-se o penitente (de côca também), os Profetas e as Marias do Beú, além da Madalena (o que será amiudado adiante), e sabemos quanto o povo gosta de ver ou representar estas figuras. Conservemo-las, pois, uma vez que nada têm de absurdas ou de ridículo.

Ainda af por 1851, sendo o Padre Manuel Joaquim Ferreira Sisudo Iesoureiro da Irmandade dos Passos, restaurou ele a figura do pregoeiro romano,tocam do uma trombeta adeante do primeiro pendão: figura vestida de preto com côca ou ante-rosto da mesma droga e debruadas de encarnado as aberturas da boca , nariz e olhos. O povo chamava-lhe a calhorra e eu mesmo vi quanto os rapazes gostavam de a serem e de a verem: e se foi outra vez abolida ao cabo de poucos anos era por falta de polícia civil que impedisse o rapazio de se agru - par em torno dela com uma nímia hilaridade e alvoroço impróprios de uma procissão de penitência qual é a dos Passos do Redentor.

Quando, pois, essas figuras não sejam ridículas em si mesmas ou dêem ocasião a distúrbios e irreverências, devem ser cuidadosamente conservadas porque aliás (como tenho ponderado) as procissões tornam-se insípidas e o povo abandona-as; e adeus culto...

A figura de S. Jorge foi substituída por uma de escultura mandada fazer pela Câmara reinando a Rainha D. Maria I (ou talvez antes) e é a que se conserva na Matriz. Ficou servindo unicamente na procissão de Corpo de Deus, montada em cavalo ou égua branca e assistida, ao menos, por um Alferesou Pagem e dois ferreiros ou barbeiros segurando-lhe os estribos. Nenhuma outra mais continuou a mostrar-se nos actos públicos a não ser as imagens de escultura levadas em andores ou as pintadas a óleo sobre tela no meio das bandeiras de sapateiros, carpinteiros e alvenéus.

Temos por certo que a forma das procissões antigas cessou no meio do século passado.

Braga, chamada com razão a Roma Portuguesa, conserva ainda muitas usanças das antigas festas. Veja-se a seguinte correspondência publicada no jornal

A Esperança: (1)

"Saíu ontem (8 de Agosto de 1880) da Egreja de S. Victor a procissão de Nossa Senhora fugindo para o Egipto. Um jovem, vestido como o artista de Nazaré, dois anjos pegando nas rédeas da jumentinha e um coro de meninos muito bem vestidos, com o acompanhamento de música entoando louvores à Divina Mãe: este passo ia na frente da procissão logo após a banda de música.

As alas da procissão eram compostas de irmãos de várias irmandades da freguesia com as competentes opas, no meio das quais ia a Virgem das Angústias no seu andor com rico manto e túnica de veludo, tudo bordado a ouro... Adian te do andor um grupo de "virgens" com acompanhamento de música dirigindo lou vores à formosa Estrela da manhã.

Grupos de anjinhos, todos muito ricos e bem vestidos...

Ia além disto um grupo de "figuras" representando a Rainha Santa segurando o regaço de flores, um jovem vestido de Rei e no centro outro vestido de anjo empunhando o estandarte; outros vestidos de pagens e outras figuras ".

No mesmo jornal, nº 15 de Junho de 1881, vem o programa da festa do Precursor de Cristo em S. João do Souto da mesma cidade, o qual é curioso bastante e muito divertido. Ali figuram coros de pastores e pastoras com danças e canções, repetindo-se isto variadamente desde a madrugada, etc.

Faz bem a Augusta Braga e bem procedem todos os povos que conservam as suas festas populares e religiosas estabelecidas entre eles desde tempos já imemoriais.

"Acaso entre os antigos (pergunta o imortal autor do Génio do Cristianismo) encontrar-se-ia alguma coisa mais admirável do que uma multidão de práticas em nossa religião usadas em tempos além?!

Quantas mais devoções populares num culto há, mais poético é ele porque a poesia da alma nos movimentos e da natureza nos acidentes se funda em mistérios transformados, todos, pela intervenção das ideias religiosas.

Queixar nos devemos acaso se, querendo tudo sujeitar às regras da razão, com vigor condenamos essas crenças que ao povo ajudam a suportar os pesares da vida e lhe ensinam uma moral que as melhores leis nunca podiam ditar-lhe? É bom e é belo, embora o contrário se diga, que todas as nossas acções sejam cheias de Deus e que dos milagres seus cercados incessantemente estejamos.

Do que os filósofos, mais sábio é o povo. "(2)

⁽¹⁾ Nº 886 de 12 de Agosto de 1880.

^{(2) 3}ª Parte, Livro 5, cap. 6.

CAPITULO XL

Procissão de Cinzas

Posui faciem meam ad Dominum Deum meum rogare et deprecari in jejuniis, sacco et cinere.

(Dan., IX, 3)

Ι

Depois de dar notícia das nossas antigas procissões gerais com as suas fe \underline{i} ções particulares, vejamos quais e como são feitas as principais procissões do nosso tempo.

Depois do antigo e desusado, o moderno e actual, pois o nosso presente che gará para outros a ser pretexto: e como tudo no mundo é contingente, ou dei xarão de se fazer algumas das nossas actuais procissões ou mudará com o tempo a sua feição de hoje.

Nós mesmos nos nossos breves dias temos observado jánão poucas alterações nesta matéria.

Cientes, pois, ficam já os meus leitores de que não escrevo o resto desta secção para os contemporâneos, mas sim para os vindouros ou para os que ignoram o que vai na nossa terra.

Desvanecidas as loucuras do carnaval, cansado o espírito e amortecido o corpo com a embriaguez dos prazeres sensíveis, justo pareceu aos nossos avós que puséssemos termo a essas ruidosas festas - relíquias do paganismo - levantando os olhos ao céu lembrando-nos de que somos criaturas de Deus, filhos seus, embora pródigos, mas gerados no sangue precioso do seu próprio Filho Coeterno, e herdeiros da glória imarcessível que depois da morte se nos destina entre os anjos e os amigos seus, nossos irmãos.

Enquanto as Freiras do Convento da Esperança respiraram dentro das suas celas, já de antemão tinham elas decorado as belas imagens dos santos penitentes exibidas nesta procissão para espelho dos mundanos e exemplo das austeridades que durante a quaresma devemos propôr-nos imitar, como podemos, em expiação dos nossos pecados. Agora são algumas Irmãs Terceiras que o fazem a diligências do Vigário do Culto Divino o melhor que podem, mas decerto com menos perfeição que outrora em que cada andor tinha a sua aia e estas, por si ou a rogos seus, faziam aparecer os decentes e convenientes ornatos sem dispêndio algum da Ordem.

Colocados já os andores em cima de bancos ou mesas na quarta-feira de manhã e postas ao alcance dos Irmãos todas as insígnias e instrumentos, começa o Vigário do Culto Divino pelas três horas da tarde a distribuir hábitos aos Irmãos que os não têm seus e côcas aos não Irmãos que também querem fazer pentência tomando parte na procissão.

Explicarei já o que são as côcas, não seja caso que venham a deixar de existir e se ignore de futuro o que isto fosse, pois na febre de acabar com tudo o que é antigo embora racionável pode ser que isto suceda: e até bem desconfiado estou ao traçar estas linhas de ser o meu receio já um facto con sumado, pois que há muito não assisto a tal procissão. As côcas são meras túnicas, roxas ou cinzentas como os hábitos dos Terceiros, e cingidas por uma corda enodada em vez de cordão de linho ou fita. A isto junta-se um tapa-rosto e cabeça da mesma droga com aberturas correspondentes à boca, nariz e olhos, sobre o qual põem uma coroa de silva em imitação da coroa de espinhos que os judeus puseram ao Divino Salvador. Esta vestidura é um traje de peni tência e foi inventada para não serem conhecidos na procissão os que pratica vam aquela austeridade. Eram antigamente inúmeros os côcas que iam no préstito, arrastando muitos deles barras de ferro ligadas aos pés. Como, porém,

os homens de tudo abusam e muitas vezes os tais penitentes iam dando um espectáculo carnavalesco, houve a Ordem por bem pôr cobro nisso restringindo o número dos côcas só aos que pegassem nos andores, com excepção dos últimos dois (S. Francisco e Nossa Senhora da Conceição) em que pegam Terceiros com hábitos, mantos e cordões à cintura, etc.

Entretanto chega uma guarda militar de honra, previamente requisitada ao comandante do corpo ou destacamento estacionado na nossa vila, e uma filarmo nica para ir tocando marchas sentimentais atrás do pálio ou adiante dele se porventura a guarda militar vem com a sua charanga e nesse caso tocam alternadamente.

Reunidos enfim todos os que devem figurar no préstito, das três para as quatro da tarde sobe o pregador ao púlpito e recita um sermão exortativo sobre a necessidade da penitência interior e exterior perante um numeroso concurso de fiéis, dando para exemplo os santos penitentes que ali se acham expostos e conclui com um acto de contrição das nossas culpas impetrando a Divina Misericórdia. Então quatro cantores executam a vozes solas (ou a seco) o motete Domine, ne memineris e começa a desenrolar-se o préstito, ocupando cada um o lugar que lhe está designado.

TII

Vai na frente o guião de damasco roxo com o brasão da Venerável Ordem, aga loado e franjado de ouro, e conduzido por um robusto Irmão ao qual ajudam ou tros quatro, ordinariamente sacerdotes, pegando em cordões de seda com grandes borlas para o susterem aprumado e indo por isso dois adiante e os outros dois atrás.

Este guião, assim como o pálio e capas dos clérigos que pegam nas varas e uma banqueta de castiçais de prata, foram dados à Ordem por um judeu convertido ou cristão novo como jóia para o admitirem nela, segundo consta por tradição.

Segue-se, por entre as alas de Irmãos Terceiros com os seus hábitos e mantos vestidos, um côca de salva de prata com cinzas na mão esquerda apontando para elas com o índice da direita para recordar a pena imposta ao primeiro homem na sentença de expulsão do paraíso terreal: - És pó e em pó te hás - de tornar.

Após este um outro aparece também com salva de prata em que se mostra uma caveira – símbolo da morte.

Um terceiro côca deixa ver noutra salva uns livros que representam a Sagrada Bíblia onde se revelam as verdades eternas que o homem nunca deve esquecer.

São sempre três rapazes que representam as três sobreditas figuras e cada um leva nas costas da túnica um grosso papel tarjado com textos da Escritura alusivos à sua mística significação.

Vê-se logo atrás a Cruz da Penitência com os dois braços de Cristo e de S. Francisco de Assis, este vestido e aquele nu, ambos porém imolados pela santificação do mundo. Duas largas tiras de papel que descem das pontas dos braços da cruz e convergem no meio da haste deixam ler vários textos da Bíblia sobre a necessidade da penitência.

Seguem-se depois (sempre pelo meio das alas de Terceiros com tochas na mão da parte de fora) os santos penitentes, ocupando o primeiro lugar o Salvador do Mundo ou Cristo no deserto a jejuar e lutar com o demónio; depois S. Con rado, S. Benedito, S. Roque, S. Ivo, doutor, Santa Margarida de Cortona (a Ma dalena Seráfica), os Santos Reis Luís IX de França e Eduardo III de Inglater ra num só andor; as Santas Rainhas Isabel de Portugal e Margarida da Hungria, idem; os santos Bem Casados Lúcio e Bona recebendo a Regra das mãos de S. Francisco, idem; o Monte Alverna onde o mesmo Patriarca está recebendo a impressão das Chagas por meio de um Serafim; o mesmo S. Francisco de estatura ordinária em andor separado e finalmente Nossa Senhora da Conceição, Orago da Capela da Ordem. Quase todas estas imagens têm disciplinas de arame pendentes da mão direita e os andores, em vez de flores de seda ou papel, são adornados com ciprestes de veludo que, por apontarem para o céu, estão – nos lembrando a vida celestial e eterna.

Junto de cada andor vão dois anjinhos de túnicas roxas tufadas e grinaldas de martfrios e outras semelhantes flores na cabeça.

Em último lugar caminha o Padre Comissário com a Cruz do Santo Lenho nas mãos debaixo do pálio, a cujas varas pegaram sempre até há pouco seis Clérigos de pluvial roxo e agora pegam já Irmãos Terceiros por falta de Clérigos. Note-se, porém, que a Cruz do Santo Lenho é da Irmandade dos Passos e a mesma que serve na sua procissão, pois não possuímos outra capaz de figurar numa procissão solene. Tem cerca de dois palmos de altura além da peanha que serve apenas para se arvorar a mesma cruz enquanto não saem as duas procissões mencionadas, estando exposta sobre o altar, e bem assim na festa da sua

Invenção. E de prata perfumada e toda cheia de lóculos ou relicários envidra çados em cuja circunferência estão letreiros indicando os santos cujas relfquias ali se veneram e o ano de 1598 em que ela foi fabricada. O Santo Lenho da Cruz do Redentor está no encruzamento.

Atrás do pálio vai a charanga ou filarmónica da terra, a guarda de tropa, o Administrador do Concelho ou ao menos os Regedores de Paróquia e o povo acompanhante, de cabeças descobertas. O oficial de diligências da Adminis - tração do Concelho, dois ou mais polícias pagos e alguns cabos da terra fazem conter os rapazes para não passarem adiante do pálio. Isto mesmo se pratica nas outras procissões solenes e portanto é inútil repeti-lo mais.

ΙV

O trânsito da procissão é este. Subindo pelo Rossio acima até ao canto das casas em que nasci e me criei, volve ao longo da faceira até à boca da rua de Três de onde torna a encostar-se à outra faceira para entrar na rua do Cambaia. Atravessada a Praça Nova e percorrida toda a Corredoura, entra no Terreiro do Paço. Aqui antigamente seguia logo pela faceira do Palácio do Bispo a fim de entrar imediatamente na rua dos Fidalgos, mas depois de 1848 introduziu-se o costume de avançar pela faceira dos Gracianos até ao Cha fariz de El-Rei em obséquio do Coronel Amaral e outros oficiais militares, pa ra depois caminhar até à frente da boca da dita rua dos Fidalgos e desfilar assim em frente do Quartel de Cavalaria e do Palácio Real. Encontrando na rua já duas vezes mencionada a das Cortes, volve para a direita subindo por ela a fim de transitar pela rua de Santa Luzia onde nenhuma outra procissão vai. Daqui passa ao alto do Colégio, entra na Praça Nova obliquando para a boca da rua de António Homem pela qual desce ao Rossio. Aqui, sem procurar as faceiras mas em linha diagonal, encaminha-se para a Igreja da Esperanca de onde havia saído, verificando-se deste modo o rifão popular: As procissões de onde saiem para aí recolhem.

Findo o acto religioso, retira-se cada um a suas casas e forma os seus juízos sobre a disposição e boa ordem do mesmo acto dizendo qual o seu parecer, v.gr.: - Este ano foi boa a procissão porque muito concorrida; ou porque estava um belo dia ou vice-versa. Outro tanto fazem os que, não morando nas ruas do trânsito (especialmente mulheres), foram ver a procissão de casa

de pessoa amiga.

Assim caminham os povos na civilização cristã encontrando-se em união faternal onde ricos e pobres, nobres e plebeus se emparelham como irmãos e iguais diante do mesmo Deus que a todos há-de julgar sem acepção de pessoas, nem de riquezas, nem de honras, nem de dignidades.

CAPITULO XLI

Procissão dos Passos de Cristo

Christus passus est pro nobis, vobis relin - queris exemplum, ut sequamini vestigia ejus.

(I Petri, II, 21)

ĭ

No domingo segundo de quaresma à tarde faz-se a procissão dos Passos do Redentor, desde o Pretório até ao Calvário, a expensas da Irmandade da Cruz e Passos erecta na Igreja de Santo Agostinho.

No cartório da respectiva Irmandade existe uma carta da Rainha D. Maria I com data de 6 de Março de 1786 e assinada pelo Visconde de Vila Nova da Cerveira recomendando que a procissão não saísse da Igreja dos Capuchos, mas sim da Esperança e ficando contudo os Frades Capuchos com o encargo do sermão do Pretório e o gozo da esmola costumada.

Desde o princípio desta função religiosa até ao ano de 1786 ia a imagem do Senhor Jesus de cruz às costas para o Convento da Piedade, extra-muros, no sábado precedente ao anoitecer. E, como nisso houvesse graves inconvenien - tes por causa das ruins estradas em não curta distância e da coincidência de frios e chuvas nalguns anos, opinou o Príncipe Regente D. João VI que a Irmandade fizesse o Passo do Pretório na Igreja da Esperança, ficando todavia aos Capuchinhos o direito de pregarem os sermões do Pretório e Calvário e de receberem a usual propina em peixe e dinheiro, satisfeita pelo Juiz da Irmandade.

Esta alteração era já reclamada há muito, mas suspendia-se o torná-la efectiva em atenção aos Capuchinhos que receavam perder a propina referida visto a Igreja da Esperança pertencer à Ordem Franciscana e poderem os Frades do Hospício esbulhar os Capuchinhos daquela benesse. Ora, como em 1806 estava cá assistente a Rainha D. Maria I com toda a Real Família, o Príncipe D.João VI que era protector da Irmandade em questão resolveu o ponto debatido opi-

nando pela celebração do Pretório na Esperança, o que se cumpriu naquele mes mo ano, ficando os Capuchinhos pregando os sermões até serem expulsos da sua Casa.

Outro inconveniente que havia em saír a Procissão do Convento da Piedade era vir a recolher já tarde para Santo Agostinho, o que sendo observado em 1751 pelo Arcebispo de Evora D. Frei Miguel de Távora achando-se em visita e hospedado neste último convento, mandou que a procissão de ida no sábado saísse às cinco horas da tarde e a de volta no domingo às quatro, de forma que ao escurecer estivesse concluído o sermão do Calvário. (1)

ΤI

Ao caír da tarde do sábado anterior reboa o sino grande que D. João V doou à Irmandade convocando os seus sócios para se conduzir a imagem de rebuço para a Igreja da Esperança, o que vem a efectuar-se ao sol posto.

Arranjada já a armação do andor, feita de damasco roxo e sustentada por varões de ferro, e bem assim dobrada para dentro da dita armação ou rebuço a parte posterior da cruz oca, distribuem-se tochas e lanternas aos irmãos e devotos vestidos de opas de tafetá ou nobreza roxa com cabeção e capuz: qua tro cantores entoam o motete *Domine, ne memineris* ou outro da Paixão de Cristo, a vozes solas, e em seguida dois irmãos, sacerdotes e com preferência Começo a procissão recitando o salmo *Miserere mei Deus* ou outro e outros dos Penitenciais e cantando o povo a jaculatória:

Benefita e louvada seja

A Sagrada Morte e Paixão do amante Jesus
Que para não se perderem as almas
Deu a vida por todos nos braços da cruz.

Sai o préstito pela porta lateral ou da Senhora da Graça e, atravessando o Terreiro de Santo Agostinho, entra na rua deste nome e emboca o Terreiro do Patacão. Daqui sobe pela rua dos Gentis e desce pela da Freira ao baixo Ros

⁽¹⁾ Provimento da Freguesia de S. Bartolomeu em 25 de Março do mesmo ano.

sio para entrar na Igreja da Esperança de onde os Terceiros, de tochas acesas, saem a receber a procissão em testemunho de união fraternal. Até 1866 era o Vigário das Freiras com o sacristão que efectuava esta cortesia.

Parece que nos antigos tempos se cantava um motete como encerramento desta primeira procissão e nada mais se fazia. Porém na minha mocidade vigorava a devoção de se recitar primeiramente um *Miserere*, sendo um ramo de música de orgão a quatro vozes e outro entoado pelo clero. E dizia-se que tal de voção fora introduzida pelo cantor da Capela Real Manuel José dos Reis que depois de viúvo se ordenou sacerdote e foi meu contemporâneo.

Ainda felizmente se observa o mesmo ritual e conclui-se com a jaculatória Senhor Deus, misericórdia, cantada pelo coreto duas vezes e repetida pelo po vo, e Mãe de Deus, misericórdia, cantada e repetida em terceiro lugar. Mas antes disso tira-se o rebuço à imagem e endireita-se-lhe a cruz, ficando colocada no meio da capela-mor sobre uma credência com altar portátil na frente para no domingo se cantar ali missa por música a seco.

No tempo das Freiras não ficava ali durante a noite: levavam o andor para junto do coro de baixo metendo-lhe os varais da frente pelas grades e sus tendo os detrás em bancos de sorte que o rosto do Senhor se aproximava da portinhola do comungatório e a corda de seda que se diz dada em tempo de El-Rei D. José pelo protestante Conde de Lippe era metida para dentro do mesmo coro e pela dita portinhola a fim de poder ser beijada pelas Freiras que toda a noite ali velavam em oração revezando-se aos pares de duas em duas horas enquanto as houve com abastança.

III

No domingo seguinte pelas dez horas da manhã celebra-se missa cantada por música de estante no altar portátil e diante do Senhor dos Passos, achando --se ali exposta no meio a Cruz do Santo Lenho de que já dei notícia no capítulo precedente. Até 1866 oficiava o Confessor ou Vigário das Freiras; hoje, o Pároco da Matriz.

Chegadas as duas horas da tarde, começa o movimento para se efectuar grande procissão.

Aqui transita um irmão de opa roxa acompanhando a padeirinha para mostrá-la às pessoas da sua amizade e arrecadar para ela mimos de bolos, amêndoas

e rebuçados. Ali são anjinhos que hão-de mostrar os instrumentos da Paixão, como a lança, esponja, cravos, martelo, etc. e circulam da mesma forma ostentando o seu bom arranjo de vestidos, pedrarias e custosos adereços de ouro. Ao mesmo tempo grupos de homens e mulheres com fatos escuros se dirigem à Igreja da Esperança ou se encaminham a casa de pessoa amiga para verem a procissão das suas janelas. Se o tempo corre bonançoso, distinguem-se nos grupos do baixo Rossio as gentes das aldeias que vão disfrutar o espectáculo da função religiosa e também não poucas pessoas de Borba e do Alandroal.

Entretanto abrem-se as Capelas dos Passos, já ornadas cada uma à custa de dois irmãos mesários. Vem de Santo Agostinho a Irmandade. Chega a guarda de tropa e uma ou duas filarmónicas da terra.

Pelas quatro horas começa o sermão de Pretório ou de Passos, a cuja peroração corre-se uma cortina para aparecer o Senhor de cruz às costas e até ali
encoberto por ela. E então, segundo a força da eloquência do pregador, como
ve-se mais ou menos o auditório à vista daquele doloroso espectáculo e derramam-se lágrimas de compunção e arrependimento. No fim dele escuta-se com
agrado a maviosa harmonia de um motete apropriado a esta cena e de bom autor.

Em seguida procede-se à distribuição das insígnias, acendem-se as velas e começa a desenrolar-se o cortejo pelo adro fora. Mas, antes que se levante o andor, celebra-se o primeiro Passo diante dele que vai saír do Pretório para a rua da Amargura a fim de ir caminhando até fora de Jerusalém e morrer no cimo do Calvário sacrificado na mesma cruz que lhe puseram às costas. O motete que então se executa é o Bajulans sibi crucem, o qual, com os seguintes, recorda os tempos de Palestrina e outros maestros do século XVI a cuja época remonta esta composição singela, mas harmoniosa, suave e devota.

Sempre os cantores da Capela Real e os alunos do Colégio dos Reis executa ram estes motetes a seco ou sem fundamento de qualquer espécie porque eram músicos professores, mas hoje não o fazem já os modernos sem auxílio de um baixo de latão quando apenas o fagote pode tolerar-se como instrumento acompanhante neste caso e nos semelhantes.

I۷

Na frente do préstito vai um alto pendão em que antigamente pegava um irmão sacerdote moço, sustendo-o outros dois pelas pontas pendentes. E pouco

atrás mostra-se o estandarte Romano, de menor vulto e recortado por baixo, tendo em cima as iniciais douradas: S.P.Q.R. (Senatus Populus que Romanus). Também é levado por um sacerdote se o há vigoroso.

Por entre as alas de irmãos com tochas caminham gradualmente os anjinhos e a padeirinha com a Verónica do Senhor e um coro de músicos entoa o Miserere a fabordão, algumas vezes com acompanhamento de fagote ou figle. A este respeito direi que as procissões antigas eram mais religiosas e devotas por se ouvirem de quando em quando suaves harmonias no meio de respeitoso silêncio, ao passo que hoje as filarmónicas absorvem a atenção geral impedindo a recitação de salmos e cânticos sagrados. As ditas filarmónicas desde 1849 para cá tornaram com efeito as nossas procissões mais pomposas, porém menos devotas e edificantes.

Depois vai o andor do Senhor dos Passos, conduzido já hoje por Irmãos lei gos quando até há pouco o era por sacerdotes com opas vestidas e barretes na cabeça; e em último lugar caminha o Prior da Matriz com a Cruz do Santo Lenho debaixo do pálio, a cujas varas pegam seis sacerdotes de pluviais roxos com sobrepelizes debaixo. (Este pálio, capas e mais pertences foram dados pelo Rei Magnânimo). Atrás vai o Administrador do Concelho com os seus subalternos para manterem a ordem, uma filarmónica ou charanga e um imenso concurso de povo.

A Cruz do Santo Lenho tem, no fundo da peanha em que ela se emana durante a missa até à procissão, a data de 1598. Vi eu.

Segue esta procissão como a de Cinzas Rossio acima até à esquina da rua de Cambaia onde está o primeiro Passo (mas que serve de segundo). Af param o andor defronte dele enquanto o coreto ambulante executa o Exeamus ad eum extra castra. E, findo ele, avança a procissão até poder o pálio chegar por sua vez ao Passo. O clero recita os versos Adoramus te Christe, etc. e o Prior da Matriz acrescenta a oração da Paixão: Réspice, quaesumus. Assim se procede nas outras estações.

Continuando a procissão a subir por aquela faceira do Rossio, entranarua de António Homem onde está o terceiro Passo e se canta o *O'vos omnes*.

Tanto nesta como nas outras procissões de penitência logo que aparece o pendão nos largos ou cercanias das Igrejas começa a dobrar um sino grande e desta regra só se exceptuam as procissões de Bandeiras na quinta-feira de En doenças e do Enterro do Senhor no dia seguinte porque então se conservam as torres em silêncio e apenas o relógio do povo tem o privilégio de se fazer ou vir. Ao contrário, nas procissões de triunfo ressoam nas torres festivais

repiques.

Da rua de António Homem desce o préstito pela Praça Nova passando em frente dos Paços Municipais e af torna a parar o andor diante da capela que está encostada à Igreja do Espírito Santo. Aqui se canta o motete Angariaverunt Simonem Cyrenaeum. Dizem que outrora houve à esquina da Igrejamencionada um sermão do encontro de Nossa Senhora, cuja imagem safa da mesma. Disso, porém, não há vivos que se lembrem.

Depois, atravessando a Praça, entra em linha recta na Corredoura em cujo meio está o quinto Passo ao cabo do Convento da Santa Cruz e ali se canta Domine Jesu, te desidero, etc. e mais abaixo no largo da Assaboaria, entre os palácios dos Condes de Bobadela e do Redondo, está o sexto onde se entoa o motete Filiae Jerusalem.

Entrando a procissão na Igreja de Santo Agostinho, logo à esquina do Terreiro do Paço, ali diante do alpendre voltam o Senhor para o Palácio Real e assim o conservam os Irmãos por alguns minutos. Este costume vem do tempo dos Duques de Bragança a fim de poderem os Senhores e Senhoras daquela casa fazer uma breve oração. E por este obséquio, apesar de estar o Palácio vazio, costumaram sempre os modernos Duques de Bragança dar à Irmandade a esmo la de uma peça de ouro (6\$400 réis e mais) até ao ano de 1834. Interrompida então a erogação da esmola mas não o costume referido, restaurou finalmente D. Pedro V a dita esmola restrita a meia coroa de ouro (5\$000 réis).

Depois entra o andor nesta mesma posição (ou de recuas) pela Igreja apinhada de fiéis e vai ser recolhido na capela de S. Nicolau o encoberto por uma cortina posta na boca da mesma capela. A razão de se virar na rua o andor é por ser isso difícil dentro do templo que regorgita com povo apesar da sua grande capacidade.

A esta hora já está preparado o Calvário na capela-mor com muito alecrim e rosmaninho sobre a fingida montanha em que se mostra um Senhor Crucificado encoberto por uma grande cortina que se corre à peroração do sermão patético sobre as cenas daquele monte de horrores.

Entretanto os que tomaram parte na procissão pegando no andor, varas do pálio, pendões, etc. e que por chegarem suados temem adquirir uma constipação retiram-se para a sacristia geral onde encontram meia dúzia de garrafas de vinho e uma grande bandeja de fava frita com sal e pimenta para se premoni - rem contra um súbito resfriamento. Este costume vem de tempos imemoriais.

Findo o sermão do Calvário, canta-se o motete do sétimo Passo Jesus excla mans voce magna, cujas últimas palavras expiravit estão harmonizadas num pos to inferior e cadente, de sorte que, sendo executado o canto por músicos $h\underline{a}$ beis, produzem impressões lúgubres na letra e nos acentos acabando em pian $\underline{f}\underline{s}$ simo.

Estes cantos maviosos, assim ouvidos quando o sentimento religioso está sobreexcitado não só pelo espectáculo do Passo que temos diante dos olhos mas também pela fervorosa exclamação do pregador que nos fere os ouvidos, aliam-se perfeitamente com as comoções do nosso coração e contribuem com muita eficácia para se colher destas solenidades o devido fruto.

São já sete horas da noite pouco mais ou menos quando termina esta função. A lua despede os seus pálidos reflexos para guiar a suas casas os que nela tomaram parte e lá tornam senão contritos ao menos edificados.

CAPITULO XLII

Procissão do Enterro do Senhor

Cumque consummassent omnia quae de eo scripta erant, deponentes eum de ligno, posuerunt eum in monumento.

(Act., XIII, 29)

Ι

Na sexta-feira da Paixão ao meio-dia finaliza o tempo santificado que começa a igual hora do dia precedente, mas em Vila Viçosa, por uso e costume
antigo, não é assim. Na quinta-feira de Endoenças de tarde e na sexta de ma
nhã não interrompem os seus trabalhos a maior parte dos jornaleiros; porém
nesta ao meio-dia recolhem à vila todos quase sem excepção. Os campos ficam
desertos e só pelas estradas de Bencatel, Borba e Alandroal se observa algum
rumor de fiéis que se encaminham para a Igreja Matriz.

Pensa-se em assistir à procissão do Enterro do Senhor que é com efeito a mais grandiosa e devota procissão da nossa terra.

Pela uma hora da tarde já as mulheres se antecipam a escolher na Igreja um lugar mais a seu jeito de forma que às três horas já ela regorgita de povo da vila e suas imediações.

E promovida esta função pela irmandade do Santíssimo de S. Bartolomeu e faz-se na Matriz por aquela irmandade não ter até há pouco uma Igreja com a necessária vastidão. Tem-na hoje no Colégio de S. João Evangelista desde que para lá se mudou a Freguesia em 1865 e propondo alguns que se verificasse a solenidade nesta Casa a opinião geral foi-lhes contrária votando que se mantivesse o costume antigo.

Assim se tem observado até agora e observará de futuro.

Prepara-se esta procissão na terça-feira santa quase à noite saindo a bela imagem do Senhor Jesus do Descendimento e as da Virgem Dolorosa e do Discípulo amado, com rebuços, para a Matriz, na mesma forma que a de sábado de Passos, excepto quanto ao *Miserere* final por música. E primeiro que saia do Colégio, vem da dita Matriz a sua irmandade do Santíssimo para a acompanhar também.

Ali se conservam as imagens rebuçadas até à manhã de sexta-feira santa em que se arma o Passo na Capela-mor depois da missa de pressantificados. Três sacerdotes crucificam a imagem do Senhor Jesus do Descendimento, de que já dei notícia noutro lugar e disse que era muito leve, crendo-se por isso feita de papelão. Para este fim arvora-se uma grande cruz à boca da dita capela e firma-se de modo que podem encostar-se a ela duas escadas para se meterem e tirarem os cravos das mãos e a coroa de espinhos e se subir e descer a imagem com toalhas ajudando em baixo um sacerdote junto do esquife posto num altar portátil.

O título de Senhor do Descendimento vem-lhe, dizem os antigos, de se praticar desde 1660 até 1740, pelo menos, à vista do povo durante o segundo ser mão a cerimónia de descerem a imagem da cruz como ainda presentemente se faz na vila de Sousel. Como isso, porém, fosse mais gravoso para o pregador e causasse nos fiéis principalmente do sexo feminino profundo abalo a ponto de perderem os sentidos, passou a ser omitido operando-se o descendimento por detrás da cortina. Na Matriz se praticava desde 1660; agora presumo que a cerimónia vinha já de 1640 ou cerca.

Aos lados colocam-se em credências os andores da Virgem Dolorosa e de S. João Evangelista.

III

Depois das três horas chega à Matriz a irmandade promotora da função religiosa trazendo na sua frente uma grande cruz de tábua levada pelo penitente descalço, vestido de túnica e côca branca com uma coroa de tisso de pita em vez de coroa de espinhos. Mais atrás vêm os dois profetas (Nicodemos e José

de Arimateia) com altas e bicudas gorras, saiotes e mantéus de seda rameada e botas vermelhas compridas, trazendo cada um a sua escada ao ombro. Depois caminham as três Marias (do Beú, lhes chama o povo) e a Madalena com a redoma na mão primorosamente enfeitada. As Marias do Beú vestem saias pretas e manto azul de seda posto na cabeça. O préstito é fechado pelos oficiais maio res da Irmandade e pelo Prior e mais clero da distribuição de S. Bartolomeu.

Chegados à Igreja Matriz e feita oração, tomam assento em bancadas junto da capela-mor todos os confrades da dita Irmandade, assim como os da sua com panheira erecta nesta Casa para ouvirem o primeiro sermão que é o de Desampa ro de Cristo na Cruz. O sentimento cristão sobremaneira excitado pela recor dação das grandes e comoventes cenas do Calvário, o aspecto lúgubre do templo obscurecido pelos véus postos nas janelas, o púlpito e altares desnuda dos, o interessantíssimo Passo do Salvador crucificado com a sua Mãe Dolorosa à direita e o Discípulo amado à esquerda, a Madalena abraçada ao fundo e em curta distância, ajudam eficazmente a exclamação do pregador que de ordinário faz verter ao seu auditório bastantes lágrimas. Findo o sermão entoam quatro cantores a meia voz o Popule meus.

Está concluída a primeira parte da função.

IV

Cerrada novamente a cortina, arvoram os Profetas duas escadas aos braços da cruz para subirem dois sacerdotes e fazerem o descendimento do corpo exangue do Senhor. Tiram estes os cravos das mãos e a coroa de espinhos enquanto um terceiro lhe tira os dos pés e ampara o cadáver de baixo. Metem-lhe umas toalhas de rendas por baixo dos braços e assim o deixam escoar até placidamente repousar estirado no esquife. Prega-se-lhe com alfinetes ao mesmo esquife o cinto dourado para que, durante a procissão, não possa tombar dele visto ficar sobressaído o Senhor e prega-se da mesma sorte na cruz a longa toalha que serviu para o descendimento dispondo-a com elegância. As escadas grandes ficam encostadas à mesma cruz e assim se deixa logo preparado o se gundo Passo.

Uma hora depois sobe ao púlpito o pregador do novo sermão sobre o Descendimento que está já feito, mas que outrora se fazia à vista do povo durante o sermão, como já observei. A peroração aparece o segundo Passo na forma so

bredita e no fim entoam da mesma sorte os cantores o Popule meus.

Vai-se ordenar a procissão. Prega-se a toalha do descendimento na cruz do penitente que há-de guiar o préstito. Quatro sacerdotes revestem-se na sacristia com os amictos por cima da cabeça em sinal de dor, engergam alvas e cruzam estolas roxas e cada qual toma as insígnias ou o posto que lhe foi distribuído pelos gerentes da Irmandade.

V

E sol posto. O Irmão tesoureiro ou algum outro mas pessoa graduada a quem ele confia a matraca fá-la agitar à porta da Igreja como sinal de partida. Se que-o logo o penitente hasteando a cruz com as toalhas. Duas alas de irmãos do SantIssimo com opas encarnadas vão caminhando com velas acesas na mão da parte de fora, sendo a direita composta com os irmãos de S. Bartolomeu e a segunda com os da Matriz, quiados pelos seus Juízes, Escrivães e Párocos. Dois coros de músicos, ou pelo menos um, canta o Heu, Heu, Domine! Heu, Heu, Salvator noster! (1) Os profetas vão distanciados com a escada ao ombro. De pois as três Marias do Beú, emparelhadas, alternam com os coros dos Heus já O Pupilli facti sumus absque patre; matres nostrae quasi viduae, já o Aquam nostram pecunia bibimus; ligna nostra pretio comparavimus. (2) move-se a Madalena com a redoma na mão direita e um lenço branco na esquerda. Depois é conduzido o esquife do Senhor debaixo do pálio roxo rodeado por oito lanternas de vara e precedido por dois turibulários que incessantemente vão agitando os turíbulos ministrando-lhes incenso outros tantos naviculários. Vão logo atrás os andores da Virgem Dolorosa e do Evangelista S. João, condu zidos por Irmãos da respectiva Irmandade e no fim de tudo vai tocando uma filarmónica ou charanga sequida pela quarda de tropa e pela cívica a que pre side o Administrador do Concelho com os Regedores da vila. Atrás de tudo vai o povo acompanhante.

⁽¹⁾ Ai, ai, Senhor! Ai, ai, Salvador nosso!

⁽²⁾ Ficámos orfãos sem pai e nossas mães como tristes viúvas. Custa-nos dinheiro a água e por alto preço comprámos a nossa lenha: palavras de Jeremias, V, 3 e 4. A estes cânticos de dor muito empecem modernamente as filarmónicas ou charangas tocando incessantemente marchas fúne bres: quase se ouvem já somente nas Igrejas das diversas estações.

Da Matriz desfila a procissão para a Praça Velha de onde segue para a rua da Torre que está em frente do Arco dos Remédios. Chegando ao meio desta rua deixa-a para obliquar à direita e descer pela dos Gentis até ao Terreiro de Santo Agostinho. E, cortado este por uma diagonal até à Igreja do referido Santo, começa a subir pela faceira dos Gracianos até ao chafariz de El-Rei de onde volve ao longo do jardim do Bosque para entrar pelo Arco do Palácio. Os candeeiros da iluminação do Terreiro do Paço estão acesos. Os corredores que conduzem à Capela Real acham-se tapetados com rosmaninho e alumiados por bastante candeeiros de parede com reflectores. Dantes o Cabido e agora o Capelão do Paço com o sacristão e criados da Casa, todos com tochas, vêm receber a procissão ao Arco e acompanham-na para a Capela onde entra o pálio com o esquife do Senhor e os dois andores, ficando na claustra a maior parte das duas Irmandades e a guarda com a filarmónica no Terreiro junto ao sobredito Arco por não caberem todos na Capela e seus corredores.

Outrora só os cantores da Casa levantavam a voz a entoar os *Heus* debaixo das suas abóbadas como isenta da jurisdição dos Ordinários, o que cessou já por faltarem os cantores à mesma Casa que apenas convida a quem execute o motete na Igreja.

No meio da capela-mor está posto um altar portátil onde se coloca o esquife. O Capelão entoa o verso Aestimatus sum, a que respondem quatro cantores com o Cum descendentibus e continua com os seguintes até concluír com a competente oração. Depois torna o préstito pelas arcadas ao Terreiro do Paço, acompanhando-o o mesmo Capelão e os seus adjuntos até ao Arco.

Do Arco do Palácio desfila a procissão em frente deste para entrar na Igreja das Chagas que está cheia de povo e tem já no púlpito o pregador que à saí da há-de recitar às Freiras o sermão de Soledade. Ali, depois de colocado o esquife no altar portátil levantado no meio do templo, cantam as meninas educandas um motete da Paixão acompanhado a órgão em pianíssimo. É sempre com indizível gosto que nós todos escutamos aquelas vozes suaves e maviosas que, partindo lá do interior do coro alto, mais parecem ecos de um coro de anjos do céu tomando parte nas demonstrações de sentimento que nós cá na terra prestamos à memória do Enterro do Salvador do mundo! Quando um dia breve se extinguir aquela e as mais comunidades do sexo feminino, hão-de sempre neste dia os Calipolenses recordar-se delas com saudade!

Das Chagas prossegue o préstito pela faceira do palácio do Bispo para tor nar ao Terreiro de Santo Agostinho, volver à direita para o largo da Assaboaria e subir pela Corredoura, deixando assim percorridas todas as quatro fa-

ceiras do Terreiro do Paço.

Quase ao cimo da Corredoura encontra-se a Igreja da Santa Cruz onde a procissão faz a sua terceira entrada, achando-se também já no púlpito o pregador que há-de recitar o sermão de Lágrimas ou de Soledade da Santíssima Virgem. Aqui também até há pouco se ouvia o *O' vos omnes* ou *Christus factus est* executado pelas educandas ou Freiras, mas hoje são cantores convidados que na Capela-mor executam um motete apropriado, presidindo o Vigário do Convento.

Neste e no das Chagas é recebida a procissão fora da porta pelos Confes-sores ou Vigários de sobrepelizes e estolas negras ou roxas e tochas acesas, acompanhando-os o sacristão. As imagens são brindadas com ramos de flores ar tificiais e antes que se retirem param-se por um pouco diante do coro para as Religiosas as verem melhor aproximando-se algumas tochas. Os ramos ofertados são postos nas respectivas imagens e pregados com alfinetes: os do Se nhor, no cinto e os de Nossa Senhora e S. João, nos mantos.

Da Igreja da Santa Cruz sai-se pela porta lateral outra vez para a Corredoura e entra-se na baixa da Praça Nova onde o Capelão, Provedor e Irmãos da Misericórdia com os seus balandraus vestidos e tochas acesas se adiantam para receber a procissão na sua Igreja. Coloca-se o esquife do Senhor no altar-mor. Preside o Capelão recitando os versos como na Capela Real, etc. e também a Santa Casa oferece ao menos um ramo de flores ao Senhor morto que tantos anos teve o seu túmulo naquele mesmo altar.

Daí passa-se à rua de Cambaia para descer ao Rossio e encaminhar-se a procissão até à Igreja da Esperança, hoje em obséquio da Ordem Terceira e outro ra das Freiras daquele Convento. O Comissário, Ministro, Vigário do Culto e grande número de Irmãos vêm esperar o préstito até fora do pátio. Recita o Comissário os versos Aestimatus sum, etc. Algumas vezes tem a Ordem ofereci do ramos de flores e feito prégar sermão de Lágrimas.

Da Esperança volve-se Rossio acima pelos mesmos passos até à boca inferior da rua de Cambaia para continuar ainda até à de António Homem. E, passando ao alto da Praça, dá a procissão entrada na respectiva Igreja Paroquial de S. Bartolomeu ou Colégio. Ali também as Beatas oferecem ramos de flores às imagens depois de o terem feito já algumas pessoas particulares durante o trânsito.

Concluída assim esta longa e devota procissão, trata-se de sepultar o Senhor no seu túmulo da capela-mor, ficando aos lados as imagens da Virgem das Dores, agora desolada, e do Evangelista S. João.

Aquela cerimónia efectua-se assim. Dois sacerdotes dos que conduziram o

esquife incensam primeiro a imagem com turíbulos de prata em três ductos que cada um leva até ao meio, sendo uniformes os seus movimentos pelo centro, di reita e esquerda. Em seguida incensam o túmulo por dentro da mesma forma. Largando os turíbulos, desdobram o lengol que adrede está por baixo do colchão superior, envolvem a imagem e pegando-lhe um pelos ombros e o outro pelos pés, juntamente com o dito caixão, metem-na para dentro do sepulcro de vendo entrar primeiro a cabeça. Depois fecham os dois primeiros quartos da tampa lateral e ultimamente com estrondo os últimos ou do meio, ficando ajoe lhados ali mesmo, um em frente do outro enquanto o Pároco recita os versos Aestimatus sum, etc. que o coreto prossegue.

Por alguns anos vigorou o fecharem os dois profetas a tampa do túmulo: coi sa que, para ser abolida, só teve o fundamento da novidade.

Esta cerimónia é bem disfrutada pelo povo porque o túmulo fica muito elevado sobre o altar-mor que também por sua vez se ergue muito sobre o plano da sua capela.

Feito isto, principia o sermão de Soledade que tem exclamação final com sudário na mão do pregador e, depois de muitos esforços deste, pedem os fiéis perdão a Deus das culpas contra Ele cometidas e se retiram com o coração penitente ou pelo menos cheio de sentimentos cristãos fazendo protestos de emendar a sua vida para melhor. (1)

São dez horas da noite pouco mais ou menos quando se termina esta função religiosa que é sem dúvida a mais brilhante e devota de quantas se fazem nes ta vila, tanto pelo número de fiéis concorrentes como pelo espírito religioso que nela se manifesta.

⁽¹⁾ O sermão de Soledade com os outros dos domingos da quaresma é gratificado pelo Juiz. Os dois de Desamparo e Descendimento pertenciam ao Escrivão. Hoje, porém, achando-se a terra pobre, são pagos pela Irmandade que não encontra já Escrivães ricos.

CAPITULO XLIII

Procissão da Ressurreição do Senhor

Tertia die surrexit a mortuis. (Símbolo dos Apóstolos)

I

No domingo de Páscoa faziam-se outrora duas procissões: uma no Terreiro do Paço realizada pela Capela Real a que assistiam os Duques de Bragança com toda a sua corte antes da Restauração de 1640 e eram obrigados a concorrer todos os cavaleiros das Ordens Militares residentes na vila e termo depois daquela época; e outra menos aparatosa, porém mais extensa que era a da Câmara e povo.

Hoje só esta última subsiste, mas sem carácter municipal, sendo promotora dela a Irmandade do Santíssimo da Matriz: nem a Câmara assiste já como tal. E a que passo a descrever.

II

Da mesma sorte que a Irmandade do Santíssimo da Matriz se une à de S. Bartolomeu para abrilhantar mais a sua procissão do Enterro do Senhor, associa-se agora esta àquela encaminhando-se para a sua Igreja cerca das onze horas da manhã.

Como a procissão é de gala ou triunfo, muitos Irmãos ornam com flores naturais os papéis ou anteparos das velas ou tochas que levam na mão.

Reunidas as duas Irmandades, vai o Prior com dois sacerdotes ministrantes à Capela do Santíssimo. Expõe ali em rica e linda custódia o Divino Sacra - mento. Leva-o em seguida para a capela-mor, velado, e cobrindo-o além disso o Juiz com a umbrela. E, depois de feita a incensação, entoa o coreto o Re

gina Coeli e começa a pôr-se a procissão em marcha para o adro onde está já postada uma filarmónica e uma quarda de tropa.

Entre festivais repiques de sinos, harmonias de músicos instrumentos e o concerto do Regina Coeli executado a três ou quatro vozes vem descendo o préstito à Praça Velha para entrar na rua da Torre e obliquar à direita descendo pela rua dos Gentis até ao Terreiro do Paço no qual toca somente à esquina da Igreja dos Gracianos para volver logo subindo pela Corredoura até à Igreja da Santa Cruz. E aqui a primeira visita que dura enquanto se executa o motete Regina Coeli laetare, dantes cantado pelas educandas e agora por músicos da terra.

As janelas das ruas do trânsito acham-se decoradas com colchas de seda ou chita, conforme as posses de cada um.

Da Santa Cruz prossegue a procissão para a Praça Nova, sobe ao Colégio ou Paróquia de S. Bartolomeu. Daí desce pela outra faceira à Igreja do Espírito Santo onde é esperada pelo Capelão e Irmãos da Misericórdia. Passando logo à rua de Evora, torna à Praça Velha e recolhe-se à Matriz.

E já uma hora da tarde pouco mais ou menos. Sobe então o pregador ao púl pito e recita um sermão que ordinariamente não é longo.

III

Cada um se recolhe depois às suas casas e trata de reparar com jantar gor do e mais avultado conforme os seus meios o enjôo das comidas magras produzido pelo prolongado jejum quaresmal, se bem que hoje muitas e muitas famílias não guardem a abstinência de carne aproveitando-se do Indulto Apostólico ou desprezando este preceito da Santa Madre Igreja sem que todavia gozem por is so mais saúde do que os fiéis observadores do mesmo preceito. Estes, contudo, ainda são a maioria do nosso povo que na sua generalidade segue os usos tradicionais dos nossos maiores.

Os rapazes reunem os clássicos folares de massa doce com ovos cozidos que lhes dão os padrinhos, parentes ou amigos. E até muitas pessoas de idade ma dura não dispensam esta antiga usança, passando assim todos em folguedos inocentes este dia tão memorável que recorda a ressurreição triunfante do Salvador, prova incontestável da sua Divindade, penhor seguro e modelo da nos sa ressurreição corporal no fim dos séculos.

Como esta procissão é de alegria, a guarda de tropa dá três descargas de pólvora seca no adro enquanto se faz o encerramento.

CAPITULO XLIV

Procissão do Corpo de Deus

Coenantibus antem eis, accepit Jesus panem, et benedixit, ac fregit, deditque discipulis suis, et ait: Accipite, et comedite: hoc est corpus meum.

(Mateus, XXVI, 26)

ī

A procissão do Corpo de Deus ou de *Corpus Christi* é presentemente a única de carácter municipal e nacional, como disse noutro lugar: todas as mais são promovidas pelas Irmandades ou Confrarias, figurando nelas os indivíduos apenas como Católicos e não como Portugueses, ainda que algumas vezes a nossa <u>Câ</u> mara compareça para honrar o acto religioso.

Tanto a Irmandade do Santíssimo da Matriz como a da Freguesia de S. Bartolomeu faziam esta procissão no dia das suas festas chamadas do ano, em desa gravo pelas comunhões indignas ou irreverentes, até que no ano de 1614 procederam a um acordo as ditas Irmandades para que só uma delas a fizesse em anos alternados por não poderem custear a sua despesa. E assim convieram a que naquele ano a custeasse a Irmandade da Matriz e no seguinte a de S. Bartolomeu e assim de futuro até que por fim cessaram tais procissões paroquiais ficando subsistindo até aos nossos dias a geral do município.

Com mais ou menos pompa tem sido efectuada esta procissão em todos os tem pos, sendo a Municipalidade a promotora dela. Nunca, porém, foi tão brilhan te como na época de 1848-75 em que se achava permanente nesta vila o quartel de Cavalaria n^{o} 3 e por isso mesmo referir-me-ei a tal época na descrição que passo a fazer.

Por uma reforma bem entendida mudou-se aí por 1856 a procissão de manhã para de tarde com aplauso geral visto que assim ficava mais cómoda para todos, evitando-se o sol do meio-dia que já nesta quadra é bem importuno.

Dias antes manda a Câmara convidar o clero e as pessoas mais distintas da vila para pegarem nas varas do pálio e outras insígnias e no próprio dia de manhã armam-se as janelas dos Paços do Concelho com damascos encarnados.

Pelas três horas da tarde o porteiro com alguns servos da Câmara ou moços de fretes alcatifam com espadana o trânsito da procissão e entretanto se fazem os mais preparativos para a grande solenidade.

Os homens vestem o seu melhor fato; as damas adornam-se com os seus mais preciosos vestidos de gala e, se não moram nas ruas e largos do trânsito, de mandam a casa de pessoa parenta ou amiga de onde possam desfrutar a vista da procissão religiosa e nacional.

Um trem conduz às Casas da Câmara os Vereadores vestidos em carácter, a sa ber: casaca preta, colete branco, volta branca (ou bacalhaus), calção de ce tim preto, meia e sapatos de fivela, capa curta de seda preta, chapéu de plu ma branca e aba levantada na frente e faim pendente ao lado esquerdo. O Escrivão traja da mesma forma.

Quando saem dos Paços Municipais levam na mão direita varas pretas com filetes brancos, excepto o Vereador mais moço que tem de portear a bandeira do Município. Juntam-se-lhes os empregados na sua gerência, o Administrador do Concelho, o Escrivão da Fazenda Nacional e o Juiz Ordinário com os seus subordinados em trajo de corte, isto é, de casaca e calça preta, colete branco e chapéu alto de seda, levando também vara na mão o Juiz Ordinário. Uma filarmónica postada já na Praça Nova toca ao saírem o hino nacional e segue-os depois tocando-lhes atrás uma nova marcha. Chegados à Matriz, tomam assento no corpo da Igreja perto da capela-mor: os Vereadores, Administrador e Juiz Ordinário em cadeiras de espalda e os mais em bancos rasos adornados com panos de damasco. Ali se agregavam também os empregados aduaneiros enquanto funcionou entre nós a Subdelegação da Alfândega de Elvas e os oficiais de Cavalaria convidados e que não estavam de serviço na guarda militar de hon ra.

Enquanto isto se faz encaminha-se à Cidadela (ou à Capela Real, o que tem variado) o Alferes de S. Jorge, que ordinariamente é um artista, com o pagem

do mesmo santo, que costuma ser um lindo rapaz. Ali esperam pela quarda pes soal do Santo Defensor do Reino, composta de cavalos brancos aparelhados com redes, telizes ricos e outros jaezes que ainda conservam certas casas da nos sa terra, e bem assim por um esquadrão de cavalaria de uns vinte cavalos, ar reados na forma ordinária e montados por praças de pré sob o governo de um sargento. Nalguns anos juntou-se à quarda pessoal e de honra a música S. Jorge ou do seu Estado-Maior General, em que figurayam trombetas e atabales, tocados por militares de gorras na cabeça, gorqueiras ou farfalheiras e uma espécie de opa vestida e botas até ao joelho por cima das calças. Che qados enfim todos à Cidadela, sai o santo a cavalo, de capacete emplumado, co ta de aço, escudo e lança em riste, servindo-lhe de moços da estribeira dois soldados ou dois oficiais mais antigos dos ofícios de ferreiro e barbeiro (que nunca se escusaram). Simula passar revista ao esquadrão acompanhado pe lo seu alferes, pagem e quarda. E depois de o ver manobrar, dirigem-se todos ao largo da almedina junto ao Arco dos Remédios para se dar princípio à procissão.

A esse tempo já está no adro às ordens de um capitão a guarda militar a pé que há-de seguir a procissão atrás do pálio, Câmara e oficiais de justiça e dar no fim as três descargas de carabina.

III

Achando-se tudo assim disposto e reunido o clero com as irmandades na Matriz por volta das cinco horas da tarde, começa a desfilar a procissão da maneira seguinte. Vão na frente dois soldados batedores de carabinas em punho explorando o campo. Mais atrás vai S. Jorge com a sua guarda luxuosa ou Estado-Maior e segue-se o esquadrão de cavalaria de barretinas postas na cabeça. Esta é a turma civil das antigas procissões gerais e caminha distanciada para não avistar o pálio onde vai o Santíssimo Sacramento.

Na turma religiosa marcham guiados por uma bandeira os meninos da escola pública vestindo opas brancas; e sob cruzes os irmãos de S. Crispim, S. José, Lapa (todos com opas brancas), Passos, Santíssimo de ambas as freguesias da vila, Ordem Terceira e Corpo Eclesiástico de capas brancas de tisso de ouro.

No meio da procissão ia até 1875 uma filarmónica da vila alternando mar-

chas com a charanga de Cavalaria 3 e agora vai atrás ou logo adiante do pálio quando não são duas filarmónicas.

As varas do pálio pegam os mais distintos cavalheiros da nossa terra e as patentes superiores do corpo ou destacamento militar. Atrás dele vai a Câma ra e oficiais de justiça, depois a guarda de honra e a cívica e no coice da procissão o povo acompanhante.

Outrora, quando não figuravam as filarmónicas e charangas, ia no meio do préstito um ou dois coros de músicos entoando o *Pange lingua* a fabordão e o Clero cantava salmos de louvor.

Desce a procissão primeiramente pela rua de Nossa Senhora ao Arco dos Remédios que costuma ter enfeites de verdura com uma imagem figurativa de Vila Viçosa e algumas bandeiras içadas no cimo da cerca de D. Dinis. Então começa a tanger-se o sino do Caracena. Prosseguindo o préstito para a rua dos Gentis, desta volve à direita para a de Evora pela qual desemboca na Praça Nova e entra na Corredoura. Percorrida toda esta rua e atravessados os largos da Assaboaria, de Santo Agostinho e Terreiro do Paço até ao Chafariz de El-Rei, volta pela faceira do Jardim do Bosque, desfila em frente do Palácio Real, entra na rua dos Fidalgos, atravessa a Praça Nova e desce ao Rossio pela rua de António Homem. Encostando-se então à faceira do norte até à boca inferior da rua de Cambaia, por ela terceira vez penetra na Praça Nova, emboca na Corredoura e logo depois, deixando esta, volve à direita pela rua da Santa Cruz, torna à Praça Velha e recolhe-se à Matriz.

Enquanto se dá a benção com o Santíssimo na capela mor e se faz o encerra mento na própria, dá a guarda a pé três descargas no adro e assim se conclui esta solenidade.

TV

Seria para desejar que a Irmandade do Santíssimo da Matriz fizesse neste dia a sua festa anual, conservando-se o Divino Sacramento exposto até à tarde e seguindo-se a procissão municipal na forma referida, o que jáse ensaiou no ano de 1875 verificando-se à missa com pompa a primeira comunhão dos meninos e meninas. Se os antigos o não executaram assim é porque a procissão municipal tinha lugar de manhã das dez para as onze horas.

Desde que no ano sobredito safu de Vila Viçosa o quartel de Cavalaria 3 ficando apenas um destacamento, a procissão do Corpo de Deus já não ficou sendo tão bela e aparatosa tornando ao que era antes de 1848, pois ninguém pode negar que aquele Regimento foi quem melhorou o Estado de S. Jorge e das suas guardas. Antes de ele vir apenas se arranjava um cavalo ou égua branca para S. Jorge, um outro para o seu alferes e um terceiro para o pagem.

O que então havia de melhor era a concorrência das irmandades. A de S. Crispim não faltou até 1864 levando em andor o seu padroeiro, precedida por cruz e bandeira, assim como não faltaram as outras que deixei mencionadas. Agora (com vergonha o digo) avultam apenas os alunos da escola de ensino primário com alguns irmãos do Santíssimo e a Ordem Terceira porque tudo é voluntário e já se não impõem penas aos omissos que aliás podiam comparecer e comparecem de facto nos largos públicos vendo a procissão como espectadores.

Coisas da época...

CAPITULO XLV

Procissão da Senhora da Boa Morte

Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum ejus.

(Salmos, CXV, 5)

I

E uma bela diversão na quadra calmosa esta procissão de Nossa Senhora da Boa Morte promovida pelas Freiras das Chagas a 15 de Agosto, de tarde, quando o facho luminoso do dia, já inclinado para o ocaso, deixa diminuír para nós o incomodativo ardor dos seus raios.

O Terreiro do Paço, por cujos quatro lados transita o préstito festivo, oferece todos os confortos que é possível desejar nas tardes da época dos ca lores intensos. Ali está o Chafariz de El-Rei com os seus três caudais pere nes de áqua potável, ali bem perto murmura a Fonte Pequena com as suas qua tro ainda mais abundantes e os rapazes apregoando caramelos com grandes cestas deles no braço andam percorrendo as turbas de espectadores em busca frequeses. A sombra do Palácio Real estancia um pequeno mercado em que SP acham expostas à venda uvas novas, melancías, melões e outras frutas do estio e outono. Quem quer passear à sombra ou sentar-se a ela tem os passadiços e arcarias interiores do Palácio, francas em todo o tempo; tem os jardins do mesmo e o Requengo; e muitas vezes (outrora sempre) franqueia - se também o Jardim do Bosque para, das suas janelas sobre o Terreiro, desfrutarem as mulheres do nosso povo a vista da procissão da mesma sorte que as Damas do Paço assistiam dali nos séculos XVI e XVII aos torneios, jogos de canas e outros que então se faziam ali a pé e a cavalo. Em suma, no Terreiro do Paço e naquela ocasião há todas as comodidades para se espairecer ao caír de uma tarde do mês de Agosto.

Mas... falemos já da festa religiosa.

No dia 14 pelas onze horas da manhã vem da Matriz a Irmandade do SantIssi mo mediante uma oferta das Religiosas de 50\$000 réis, feita nos anos de 1732 e 1733, metade em cada ano, para juntamente com o Vigário delas e os dois sa cerdotes que hão-de ministrar ao altar na festa e uma filarmónica irem à portaria do Convento receber a imagem de Nossa Senhora deposta no féretro que tem a forma de um navio, dourado todo e ricamente enfeitado com flores artificiais. Este navio merece analisar-se porque não lhe falta nenhuma das miudezas que deve conter: mastros, velas, cordame, bandeiras, flâmulas, galhardetes de seda e bordaduras a ouro e prata, e grande número de anjos trepados pelas vergas com inscrições alusivas aos mistérios da morte, ressurreição, assunção e coroação da SantIssima Virgem, a cujos pés se vê também o Arcanjo S. Miguel de capacete, broquel e espada de prata em punho para defender a mesma Bendita Virgem das insídias do infernal dragão no momento da sua morte. Nada ali falta.

Seis membrudos irmãos recebem o pesado navio no coro de baixo por não haver já Freiras que possam com ele enquanto a Abadessa, encostada ao báculo, e a Escrivã junto dela, ambas com os véus caídos sobre o rosto, guardam a portaria. As demais Religiosas e Educandas, todas com o rosto velado, vêm acom panhando o andor ao som da Magnificat até à dita portaria onde o Vigário toma conta dele e o seque para o pátio a fim de ser exposto no meio da Igreja.

E muito breve esta primeira procissão porque se encaminha logo directamente à dita Igreja das Chagas. Expõe-se o Santíssimo no trono da capela-mor e começa a missa cantada com sermão sobre a Morte preciosa ou Trânsito da Santíssima Virgem desta para melhor vida.

Até 1870 (pouco mais ou menos) ficava o Divino Sacramento exposto até à tarde para se cantarem vésperas da Assunção e recitar-se um segundo sermão sobre a ressurreição corporal da Bem-Aventurada Virgem, o que deixou de se fazer por desfalques nas rendas do Convento.

Na manhã de 15 pelas nove horas comemora-se o mistério da Assunção e de tarde o da Coroação da Mãe de Deus, ficando o Santíssimo exposto desde a manhã até à hora da procissão e recitando-se os sermões respectivos.

A procissão de regresso, que passo a descrever, é um pouco mais tarde por ter de se esperar pela conclusão da festa dos Escravos na Matriz, à qual assiste a Irmandade do Sacramento por obrigação do seu compromisso. Sendo, pois, cerca das seis horas da tarde chega a dita irmandade e começa a solene procissão da Senhora da Boa Morte.

As duas faceiras do poente e norte do Terreiro do Paço estão apinhadas de homens e mulheres vestidos com os seus trajes de verão, muito asseados e variados por se encontrarem ali gentes de todas as classes da vila e das aldeias próximas. A golpes de bombo correm ao seu posto os filarmónicos e ao som estridente de um clarim forma-se a guarda militar de honra. Sobe ao ar o primeiro foguete e começa logo uma alegre confusão. As Freiras fazem repicar os sinos da sua esguiada torre o melhor que sabem as suas criadas. Os sineiros da Capela Real rompem logo também com as toadas majestosas do seu carrilhão. A Irmandade dos Passos faz tanger igualmente os sinos da sua tor de maneira que sinos, música, foguetes e os cânticos dos sacerdotes que, de capas de asperges acompanham o andor, fazem um tal estrondo que os circunstantes guardam senão devoto ao menos forçado silêncio enquanto dura a procissão, pois não se entenderiam se quisessem conversar.

Prosseguindo a procissão em frente do Palácio Real, volve ao longo do jar dim do Bosque, passa à faceira dos Agostinhos e à do Palácio do Bispo onde entra na rua dos Fidalgos e, penetrando no pátio das Freiras, encontra aberta a portaria com as Religiosas dispostas a receber o andor e acompanhá – lo até ao coro de baixo.

Com isto se remata a bela função religiosa de dois dias consecutivos que em breve se não fará por se achar eminente a extinção daquela e mais casas monásticas do sexo feminino, já bastante dizimadas.

CAPITULO XLVI

Conclusão deste assunto de procissões actuais

Parece-me que bastarão as seis amostras precedentes para os vindouros ficarem bem certos de como efectuamos na actualidade as nossas procissões.

Em muito maior número as temos. São, porém, as seis descritas as mais no táveis de todas e que além disso encerram alguma particularidade.

Eu não quero ser deficiente, nem gravar com redundâncias escusadas e eis a razão por que me abstenho de fazer miúda resenha da procissão de Bandeiras da qual já dei suficiente notícia, nem da que modernamente fazem os confrades do Rosário de S. Paulo ou os da Lapa. Se houvera de ser tão minucioso, não omitiria decerto as procissões das aldeias e mormente a de Santa Ana de Bencatel que sobreleva a muitas da vila ostentando sete andores primorosamente enfeitados.

Nisto se resume a feição das procissões actuais: alunos da escola pública nalguns casos, confrarias com opas guiadas pelas suas cruzes, andores com imagens, anjinhos acompanhando-as, o pálio em último lugar cobrindo a custódia do Santíssimo Sacramento, uma filarmónica tocando na rectaguarda e alguns magistrados e polícias velando pela boa ordem.

CAPITULO XLVII

Etnografia dos baptizados, casamentos, viáticos, enterros e outras miudezas.

Cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuso.

(Rifão popular)

Ι

Baptizados

Entre nós vão nos baptizados padrinho e madrinha ou dois padrinhos tocan do um com prenda de Nossa Senhora, como seu procurador, no acto do baptismo.

Pertence ao padrinho a escolha do nome do baptizando masculino, salvo se quer ceder a outrém o seu direito; e às fêmeas põe-no a madrinha cu quem a substituír.

Os pais participam aos Párocos os nascimentos logo que eles têm lugar e acertam o dia do baptismo dentro do prazo de oito ou dez, pouco mais ou menos.

Saem no dia e hora convencionada para a Igreja Paroquial o pai (ou quem as suas vezes faz) adiante no meio dos padrinhos ou acompanhado à esquerda por um só se convidou madrinha porque em tal caso vai esta junto da parteira dando a direita ao afilhado. Isto quanto aos pobres pois se são pessoas remediadas levam acompanhamento de parentes e amigos a quem depois oferecem co po de água, isto é, refresco de bolos, doces e licores ou lauto jantar.

Nos baptismos de pessoas ricas e nobres tem o sacristão a lembrança de forrar com damascos a capela do Baptistério a fim de merecer mais avultada oferta e o Pároco oficia de pluvial.

Era uso antigo oferecer o padrinho ao Pároco uma moeda de 240 réis e a madrinha outra ao sacristão ou tesoureiro de 120 réis. Porém comummente rece-

bem maiores espórtulas visto serem mesquinhas as antigas taxas para as ${\sf condi}$ ções presentes.

Enquanto se assinam os assentos do respectivo registo na sacristia começa a ouvir-se um ou mais repiques na torre por contar a Igreja de Cristo um novo filho conquistado a Satanás e à saída aglomeram-se os rapazes ao cheiro de amêndoas de açúcar, rebuçados ou dinheiro que espalham os padrinhos; e se o não fazem, vingam-se eles em clamar: - Capa rota, não tem outra! O mesmo acontece nos casamentos.

Os padrinhos têm de satisfazer também à parteira que chegou a criança à pia baptismal uma espórtula em dinheiro a título de *benção do afilhado* e que fica inteiramente submetida à sua generosidade.

Outro, sim, brindam à mãe com baetas ou coisa que o valha: o que já nem todos satisfazem.

O que deixo dito refere-se propriamente à vila, pois nas fraguesias rurais dão-se algumas variantes como receber o Pároco e o sacristão ofertas do
padrinho e da madrinha em taxa muito mais alta, terem as mulheres dos sacris
tães, excepto em Bencatel, o direito de chegarem as crianças à pia baptismal
e arrecadarem por isso a espórtula das bençãos dos padrinhos, recitar-se nal
gumas de joelhos o Credo e o Pater Noster.

Em Bencatel é mais comum consistirem as baetas dos afilhados num vestuário externo quando já contam dois ou três anos de idade. Se morrem pequenos costumam as madrinhas pagar os repiques de uma tarde ou manhã e dar-lhe o $p\underline{a}$ drinho a mortalha.

Os baptismos dos expostos eram gratificados pela Câmara antes de 1834. De pois ficaram sendo gratuitos e assim mesmo os seus funerais.

II

Casamentos

Os casamentos não são precedidos por escritura ou acto público, salvo o caso de alguma escritura de arras em casamento de ricos ou de se estipular a não inteira comunicação de bens. Esponsais em forma autêntica, não os há: são os pais dos noivos ou eles mesmos que ajustam verbalmente os desposórios

de onde procede não vigorar, em regra, o impedimento de honestidade pública proveniente dos mesmos esponsais pois seria necessário prová-los por meio de sentença declaratória, o que nunca me lembra de acontecer. Mas ainda que os noivos ajustem o consórcio, é sempre de estilo pedir o noivo a noiva ao seu pai ou à sua mãe sendo viúva ou ao seu superior, quem quer que seja.

São raros na vila os enlaces matrimoniais entre parentes que a Igreja pro<u>f</u> be com sábia previdência e desaconselha da mesma sorte a fisiologia. Porém, nas freguesias rurais torna-os toleráveis a própria estreiteza de população. Assim mesmo tenho observado que tais consórcios não são dos mais afortunados em regra.

Os nubentes da vila são proclamados sempre em ambas as freguesias ainda que pertençam a uma somente pelos títulos de origem e domicílio.

Se algum deles é menor, viúvo ou adventício, corre na Vigariaria da Vara um processo de inquirição de duas testemunhas para se verificar o seu estado livre, etc., etc. e são proclamados em freguesias diversas se lá tiveram domicílio em idade núbil, etc.

O Pároco não os une à face da Igreja sem lhe apresentarem mandado escrito do Prelado ou do seu Vigário Geral e Juiz dos casamentos.

Usam muito, e até como uma espécie de luxo, pedirem dispensa de proclamas, maleando-se assim com excesso a faculdade que o Concílio Tridentino com cedeu aos Bispos para casos excepcionais. Chamam a isto casar com papéis cer rados. Também voga muito a celebração dos matrimónios durante a escuridão da noite principalmente quando são pessoas idosas.

Conquanto os mandados facultem aos noivos de duas paróquias o serem recebidos pelo Pároco de qualquer delas, é uso comum casarem-se na freguesia da noiva para que esta seja procurada pelo noivo e não o busque ela a ele.

No dia e hora aprazada para a celebração do matrimónio sai o noivo de casa dos seus pais ou tutores ou da sua própria se já a tem entre dois padrinhos ou testemunhas, seguindo-os os seus parentes ou amigos se para isso foram convidados, pois há um rifão que diz: Não vás a boda, nem baptizado sem seres convidado. E assim se dirigem para a Igreja Paroquial fazendo a noiva outro tanto acompanhada somente pela madrinha e um pagem (o marido da madrinha, se ela é casada, como ordinariamente acontece). Depois do recebimento dos cônjuges, vão para a morada em que destinam viver observando o mesmo ritual, isto é, tomando cada rancho diverso itinerário mas, chegando sempre adiante a comitiva do noivo, aguarda esta que chegue a noiva para ser a primeira pessoa a entrar em casa. Mas o noivo em vez de caminhar na frente mar

cha na rectaguarda entre os padrinhos, classificado já como chefe de família e pessoa autorizada.

Neste ponto divergem muito os costumes dos Alentejanos e até dentro de um mesmo concelho. Com efeito, na vila do Alandroal, celebrado o casamento, saem logo juntos o noivo e a noiva e nas nossas frequesias rurais vai o noi vo buscar a noiva com a sua comitiva e, juntando-se à dela, vão à Igreja e voltam sempre juntos. Usou-se também nestas freguesias rurais uma espécie de farsa entre as comitivas no momento de chegarem à porta da noiva, v.gr. fe chando a porta ou perquntando à comitiva do noivo o que vão lá buscar?, etc. ou simulando fugir com a noiva no regresso quando montados em cavalgaduras, etc. Porém isto acha-se abolido quase inteiramente. O que subsiste no campo e subsistiu antigamente na vila é o uso do ramo de massa doce ou bolos num açafate com uma garrafa de vinho - tudo preparado pela noiva para gratificação dos primeiros dois convidados que forem à casa do notvado a levar a notí cia de se ter efectuado o enlace. São os moços que disputam a aquisição daquela prebenda; às vezes correm três e quatro a um tempo arremessando para o chão a capa ou cobertura que levam nos ombros para voarem mais ligeiros. O primeiro que entra em casa tem o acafate de bolos e o segundo a garrafa de vinho. Depois, saindo ao encontro do cortejo no regresso, oferecem aquele vinho e bolos aos noivos, padrinhos e convidados que, em regra, se abstêm mos trando-se agradecidos. E quando a comitiva nupcial vem montada para se diri gir de lugares distantes correm também a cavalo algumas vezes os que vão bus car o ramo.

A hora mais comum dos casamentos é de tarde e por isso ordinariamente ao tornarem à casa dos noivos há jantar ou ceia para todos os convidados, mais ou menos lauta conforme as suas posses. Outros mais remediados oferecem logo à chegada um copo de água ou refresco de bolos e licores e outros apresentam jantar e ceia.

A noite não falta de ordinário o baile de canto ou toque de guitarra, viola, etc. para solenizar as núpcias já feitas e dispôr outras novas ajoujandose moços e moças.

Nas classes mais baixas da vila, assim como no campo, vigora ainda o uso dos discantes à noite junto da porta dos noivos dizendo os trovadores bem de um e outro para merecerem que lhes abram a porta e os ponham à mesa para comerem e beberem; e se o não fazem assim vingam-se os trovadores dizendo mal do enlace, etc., o que, por ser muitas vezes causa de rixas, vai-se já rareando e quase extinquindo.

Nas classes mais elevadas faz-se ordinariamente o enlace matrimonial con vidando apenas os parentes mais próximos e reservando participar depois aos parentes remotos e amigos por bilhetes impressos o mesmo enlace oferecendo a sua casa.

Por costume antiquíssimo do nosso Arcebispado lança-se a benção nupcial $f\underline{o}$ ra da missa $pro\ sponso\ et\ sponsa\ e\ sempre\ tem lugar uma vez que a noiva seja solteira.$

Os Párucos recebiam antigamente uma galinha e um frasco de vinho por assistirem aos matrimónios: costume que foi abolido em 1834 enquanto aos da vila passando a subsistir só nas freguesias rurais com a galinha somente ou com ambas as coisas. Os da vila estão recebendo actualmente por isso 500 rs. além do que lhes compete pelas proclamas e mais certidões exigidas para o processo matrimonial na Câmara Eclesiástica do Arcebispado.

III

Viáticos e Uncões

Os Viáticos fazem-se processionalmente na vila e em Bencatel na aldeia, saindo o Santíssimo debaixo de pálio com muitos irmãos da irmandade respectiva de tochas acesas e tangendo adiante uma campaínha em sinal da passagem de Cristo Sacramentado para o adorarem e pôrem luminárias às janelas ou portas se é de noite. Os irmãos do Santíssimo e o povo acompanhante cantam sem interrupção a jaculatória:

Bendito e louvado seja O Santíssimo Sacramento da Eucaristia: Fruto do ventre sagrado Da Virgem puríssima Santa Maria.

entoando-a uns até ao meio e outros o resto para se não cansarem.

Fazendo-se o Viático depois da missa conventual, procede-se a ungir o enfermo para o que é levada logo pelo Pároco a cruz ou vaso em forma de cruz do óleo da Extrema Unção por um deles acompanhado por um sacristão de sobrepeliz, estola roxa e barrete, com lanterna acesa e chegava a casa do enfermo já depois de saír o préstito com o sagrado Viático.

Nos coutos da vila e nas freguesias rurais (exceptuando a aldeia de Benca tel) é levada a comunhão aos doentes pelo Pároco debaixo de umbrela somente, a pé ou a cavalo conforme as distâncias, e sempre de sobrepeliz e estola, abrindo-lhe caminho o sacristão com opa encarnada vestida levando uma lanter na acesa na mão esquerda e agitando uma campaínha com a direita para sinal aos que se encontram na passagem.

TV

Enterros

Os enterros, em regra, fazem-se processionalmente saindo o cadáver da casa própria ou de alguma Igreja em que foi depositado. O costume dos depósitos, porém, é de origem moderna, pois data de 1840. Fazem de noite, uns com acompanhamento do Pároco e outros sem ele. E da Igreja do depósito sai então o enterro para um dos dois cemitérios paroquiais, porquanto é lícito escolher qualquer deles, mas ninguém da Matriz (que eu saiba) preferiu ainda o cemitério de S. José.

Os defuntos ricos são acompanhados pelos dois Párocos e pelo clero das suas respectivas Distribuições, recebendo cada clérigo cem réis em dinheiro $^{(1)}$ e uma vela de quarta, meio arrátel ou um arrátel de cera, às vezes com duas datas segundo a pompa do funeral, sendo porém em dobrada quantidade a cera dos Párocos.

Levantando-se tarima ou eça para estar o cadáver, é de regra pôr-se no altar-mor uma banqueta de cera (seis velas) de meio arrátel ou arrátel conforme a distribuição geral e daí tem o sacristão um terço e o Pároco dois na repartição dos seus resíduos.

Ordinariamente não se faz um enterro com pompa sem que seja convidada a Ordem Terceira que se presta a isso mediante a gratificação de 2\$000 réis pe lo acompanhamento e outro tanto pela condução do cadáver no seu esquife. Os

Antiquíssima e tão mesquinha taxa e por isso mesmo devia já ter sido ao menos duplicada.

ricos, além da gratificação mencionada, costumam também dar cera à Ordem ficando os resíduos a favor da mesma com excepção da vela ou velas do Padre Comissário que são para ele. Isto se verifica não sendo o defunto Irmão Terceiro porque aliás acompanha-o à sepultura gratuitamente e apenas arrecada os restos da cera se lha dão. E acrescento que a Venerável Ordem é a única associação religiosa pontual no cumprimento deste dever, pois ainda que todas as Irmandades o prescrevam nos seus compromissos não o satisfazem senão quando consta que os herdeiros do finado repartem cera em benefício delas.

Antes da erecção da Ordem Terceira em tempo de D. João V era a Confraria da Misericórdia quem tinha o privilégio de conduzir os defuntos à sepultura, recebendo taxas dos ricos e remediados pois, assim como não faltava com esta caridade para com os pobres, era também de justiça que recebesse as espórtulas dos ricos. E as outras Irmandades apenas podiam enterrar sem o concurso da Misericórdia os seus próprios irmãos ou associados.

Outrora os enterramentos só se faziam dentro das igrejas ou fora delas nos seus adros e vizinhanças até se formar em 1838 o cemitério de S. José e no ano seguinte o da Conceição. Antes disso houve apenas um pequeno cemitério na Misericórdia, hoje metido no quintal do sul da mesma, e outro no adro da Esperança fabricado pelos Terceiros de S. Francisco, o qual nunca serviu por estar perto da fonte do Alandroal.

Antigamente os homens costumavam amortalhar-se em hábito de S. Francisco e as mulheres em hábito de Santa Clara pagando-os nos conventos de onde os recebiam usados. Hoje vestem-se alguns de Terceiros de S. Francisco e com o hábito branco e azul da Conceição. Quanto aos meninos, ainda os vestem geralmente de cardeais com barretes encarnados; mas a maior parte dos adultos vai com trajos ordinários da vida.

Os sinais da morte dão-se *ex officio* na freguesia própria com sinos peque nos e querendo os herdeiros que se dêem com grandes pagam meia taxa (400 rs.), isto sendo pessoas maiores pois, sendo menores, em vez de dobres plangentes há repiques festivos.

E uso antigo e muito geral darem-se os sinais de morte de varão com três dobres ou repiques e de fêmea com dois. Têm lugar estes sinais somente de dia claro, exceptuando os óbitos de clérigos ou de leigos que têm foro de $F\underline{i}$ dalgo, os quais se anunciam a qualquer hora da noite. Além disso, nos funerais de pompa dobra-se meio dia ou um dia na sua freguesia ou em ambas conforme querem os herdeiros, pagando 1\$600 réis por cada meio dia de dobres com sino grande ou metade com sino pequeno.

Quando o defunto sai processionalmente de sua casa, arma-se nesta uma pequena câmara com panos pretos e tarima para o cadáver e um altar com crucifixo e velas e nalguns depósitos arma-se também a Igreja de crepes com galões e lhamas amarelas e brancas.

A encomendação da alma faz-se com a antifona Si iniquitates e o salmo De profundis, findo o qual se recitam os versos competentes e a oração Tibi Domine commendamus, quer cada Pároco encomende separadamente com a sua Distribuição, quer se ajuntem as duas Distribuições e a façam capitulando então o Pároco do defunto, mas a Ordem Terceira encomenda sempre com o Memento e a oração Absolve, hoje a canto chão e na minha mocidade quase sempre de música a quatro e a oito vozes em dois coros.

Nos saimentos vão adiante as confrarias (se concorrem) e a Ordem Terceira seguindo-se o clero debaixo das cruzes paroquiais, tomando a ala direita o clero da paróquia do defunto e a esquerda o da estranha, e da mesma forma caminham os sacristães ou tesoureiros com as cruzes: a da Matriz sem manga sem pre e a de S. Bartolomeu com ela preta, como Igreja filial. Entretanto vai-se cantando o salmo Miserere mei Deus alternando as alas os versos e nos enterros de sacerdotes repete-se o Subvenite a cada verso do mesmo salmo. Depois que há filarmónica tem-se introduzido o ir uma tocando atrás do cadáver marchas fúnebres ou festivas, segundo é de pecador ou inocente.

Desde 1860 pouco mais ou menos renovou-se também o costume antigo de irem alguns pobres com tochas atrás do finado, recebendo por isso esmola conforme a largueza e posses dos herdeiros (40 a 200 réis).

Até 1834 eram os cortejos fúnebres mais ostentosos porque as comunidades fradescas também se prestavam a concorrer gratuitamente aos que tinham carta de confrade por qualquer motivo e aos outros mediante uma gratificação.

Nas Igrejas dos cemitérios se canta o *Subvenite* e o *Libera me* na forma do Ritual Romano a canto chão nas exéquias de leigo e mais alguns responsórios sendo sacerdotes, frades ou freiras. Ao *In paradisum* sai-se para os cemitérios e concluí-se o mais que dispõe o Ritual Romano. Só a clérigos, frades ou freiras se tem feito ofício de sepultura no cemitério.

Ainda na minha mocidade, como já observei, faziam-se com mais pompa os funciais dos nobres e ricos. A encomendação da Ordem Terceira era a oito vozes em muitos casos e acontecia quererem os herdeiros também o Libera me a dois coros convidando para isso cantores hábeis. E neste caso também o Benedictus no cemitério era de canto chão alternado com fabordão pelos cantores. A última vez que assim se praticou foi no funeral de D. Maria da Conceição

da Silva Leal, esposa de António Carlos de Matos Azambuja, em 1851, sendo eu quem cantou o tiple do primeiro coro na Matriz e a seco ou sem baixo acompanhante porque os cantores eram todos firmes e bem práticos na escola da Real Capela. Nesse tempo também as encomendações de anjinhos em casa dos pais se faziam por música executando-se um Laudate pueri a quatro vozes acompanhado a cravo, espinheta ou orquestra.

Tem-se propagado muito nos últimos tempos o uso de irem os corpos em cai-xilho ou ataúde próprio, vestido de preto e agaloado de branco e amarelo com cruz sobre a tampa e fechadura, cuja chave, ao dar-se o corpo à cova, costuma ser confiada a um cavalheiro que a restituí à família do finado. O que porém não tem progredido muito é o uso de se construirem sepulturas próprias e jazigos familiares porque, sendo pequenos os cemitérios, não podem conceder-se facilmente os terrenos para isso.

As vezes distribuem-se esmolas publicamente na Igreja ou no cemitério depois do funeral, mas isso é já raro depois que se introduziu o costume de irem no acompanhamento pobres com tochas. São estes unicamente os que as re cebem. Outros mandam distribuí-las depois de porta em porta.

O que fica dito refere-se a enterros de ricos ou remediados. Quanto aos dos pobres, vai unicamente acompanhá-los o seu Pároco ou somente a Distribuição da sua freguesia ou simplesmente encomendá-los o mesmo Pároco se estão depositados nas Igrejas dos cemitérios. E quando são pessoas inteiramente abandonadas, faz-lhe o enterro a Santa Casa de Misericórdia.

Vigora na vila a exigência civil dos *bilhetes de enterramento* ou *passapo<u>r</u> tes onde o médico designa a doença do morto e marca as horas em que deve ser dado à sepultura. No campo ainda não o conseguiram, nem pode ser razoável tal exigência por falta de médicos assistentes.*

Os enterros dos inocentes ou anjinhos são ordinariamente menos pomposos e neles se observa mutatis mutandis o estilo dos funerais de pessoas maiores. No caminho de casa para o cemitério vai o clero entoando o *Te Deum*.

Nas freguesias rurais, onde se transportam os defuntos às vezes de lugares muito distantes, fazem-se estações e cantam-se entretanto diversos responsórios fúnebres. Em Bencatel usa-se muito fazer-lhes ofício de corpo presente ou ao menos missa, o que na vila é aliás mais raro.

Os parentes dos finados conservam-se recolhidos ao menos três dias e não assistem aos enterros.

Os lutos por pais, mães e filhos são de um ano, meio rigoroso e meio aliviado. Por tios, sobrinhos e avós, de seis meses e por primos irmãos, de três.

Nos séculos XVI e XVII (e provavelmente antes disso) os sufrágios dos defuntos eram ofertados com viandas de trigo ou pão cozido, bolos, vinho, carneiros e pescadas, além da cera e incenso necessário, segundo a riqueza e la largueza dos testadores. Costumavam também os testadores, além da esmola costumada em dinheiro, ordenar que no fim das missas ou offcios aniversários pelas suas almas quando celebrados na igreja do seu enterramento fosse o sacer dote recitar um responso junto da sepultura, sobre a qual costumavam arder às vezes algumas velas ou tochas.

Nos Tombos da Misericórdia acham-se registados muitíssimos testamentos e neles se vê que até ao tempo de D. José I era frequentíssima a instituição de capelas perpétuas de missas por pessoas designadas, o que chegara a grande excesso.

As eças que se levantam há muito nas Igrejas durante os ofícios fúnebres são túmulos fictícios em honra dos mortos e que naqueles actos se reputam como túmulo verdadeiro.

No fim do século XVIII passaram os ofícios a ser ofertados em dinheiro, além da cera que ainda se usa dar na vila.

V

Toques de sinos

Outrora na Capela Real e nos Conventos havia os sinais do coro como ainda há nos dois de Freiras que subsistem e esses sinais variam conforme o rito quotidiano das festas.

Nas paróquias toca-se pela manhã a matinas, ao meio-dia e depois do sol posto às trindades, o que da mesma sorte se pratica nos Conventos e na Igre-ja da Lapa com as seguintes diferenças: nas paróquias adoptou-se o estilo da Capela Real que é o mesmo de Mafra e consiste em treze badaladas pelos turnos de três, quatro, cinco e um; nas mais Igrejas são nove em turnos de três e na Santa Cruz três somente e muito compassadas como também usavam as Beatas enquanto foram senhoras da torre do Colégio.

Usa-se o toque das Almas nos Conventos às nove horas da noite entre a In-

venção e Exalação da Santa Cruz e às oito no mais tempo com três badaladas compassadas. Nas paróquias, não.

Os repiques nas freguesias da vila são de duas espécies, a saber: tangidos ou simples e à Romana em que se dobra o sino maior repicando-se os dois mais pequenos.

O toque de missa festiva ou solene consiste em se darem três repiques, do brar-se em seguida o sino maior e darem-se por último as badaladas seguidas que constituem o sinal ordinário das missas.

A Sanctus nas missas cantadas dão-se três picadas com todos os sinos ao mesmo tempo e nas conventuais com o maior somente repicando-se por último. Es te sinal é para os de fora do templo poderem adorar também a Santíssima Euca ristia. Nas missas rezadas toca-se uma campaínha à elevação do cálice e da hóstia para aviso aos cegos e despertamento aos distraídos.

Quanto aos dobres de finados, há diferença no carrilhão da Capela Real. Não se dobra ali sino algum: o sinal fúnebre consiste num repique interrompido de espaço a espaço com badaladas compassadas em diferentes sinos como se usava em Mafra.

As Freiras, primeiro que toquem às suas festas, dão um grande número de repiques.

Nas paróquias há um sinal convencional de chamamento da Distribuição para enterros, o qual tem lugar depois do toque de matinas ou de vésperas às duas ou três horas (o que se faz somente quando se tem de repicar ou dobrar na tor re). Chamam-lhe tocar a Padres.

No campanário da Misericórdia há também toques de chamamento extraordinário de œpelão, cirurgião e médico.

VI

Comunhão pascal a entrevados e presos

Entre nós é costume antiquíssimo ouvirem-se de confissão os presos e entrevados na segunda-feira da Semana Santa e comungarem no dia seguinte das sete às nove horas da manhã conforme o seu número.

Este acto é feito com solenidade e vai sempre uma filarmónica tocando atrás do pálio.

CAPITULO XLVIII

Reflexões sobre a situação religiosa dos Calipolenses

Ai daqueles que têm a desventura de perder a luz da fé! Ela, porém, como o sol continua o seu giro entre as nações sem jamais deixar de brilhar, ora nesta, ora naquela, ora naquela outra região do globo até à consumação dos tempos.

(D. Vital, Bispo de Olinda, Pastoral de 1874)

T

Assunto melindroso é este de que vou ocupar-me.

Se a consciência me dita que informando os vindouros sobre a situação religiosa dos Calipolenses de hoje não devo ofender a verdade, a prudência me aconselha também que seja breve e cauto dizendo apenas quanto convem ao assum to e às circunstâncias do tempo.

Isso farei.

TI

A findole do nosso povo é boa, muito boa e essencialmente religiosa, digamo-lo assim, pois está hoje contribuindo para o culto ainda com mais larguesa do que antes de 1834: tem instituído festas novas e aumentado o esplendor de outras com o produto dos seus subsídios e esmolas. O que, porém, se nota no meio de tudo isto é alguma tibieza, frouxidão e até indiferença religiosa em muitas classes no tocante ao cumprimento dos preceitos morais do cristianismo e, como consequência disso, alguma relaxação de costumes já bem manifesta.

Nisto se resume tudo o que vou dizer.

Saiba-se que nunca a corrupção dos costumes se derivou das ideias irreligiosas: estas é que nascem da desmoralização. Com efeito, quando o mais sábio Rei do mundo não nos deixasse exemplo disso, tínhamo-lo na Revolução Francesa dos fins do século passado. Então, como atesta Rossely de Lorgues, (1) grassou primeiro a imoralidade, seguiu-se-lne a tibieza e frouxidão no cumprimento dos deveres religiosos, depois veio a indiferença e por último a incredulidade.

Ora que entre nós há já menos moralidade que cinquenta anos antes prova --se: 1º - com o grande número de filhos ilegítimos; 2º - com a grande cópia de concubinários públicos; 3º - com o progressivo aumento da prostituição; 4º - com a adopção do contrato de usura em larga escala; 5º - com o pouco escrápulo em incorrer nas censuras eclesiásticas, associando-se ao Governo Central na desamortização ou delapidação dos bens da igreja de Deus, etc.

A tibieza e frouxidão manifestam-se em muitos casos. Para exemplo citarei o pequenIssimo número dos que concorrem a lucrar os Jubileus, ainda mesmo ordinários. Citarei as raras confissões e comunhões fora da desobriga qua resmal. Citarei a abstenção de devoções públicas como terços e vias sacras ainda vigentes em muitas vilas e cidades, etc. Há meio século ainda que nenhum Calipolense empreendia larga viagem sem que se confessasse e comungasse primeiro e as mulheres grávidas preveniam o perigo mortal de um parto difícil com iqual precaução: o que é raríssimo na actualidade.

A indiferença religiosa encontra-se na omissão do preceito da missa ouvida em domingos e dias santos de guarda, nos trabalhos servis desses dias fora do caso de necessidade e em muitas rebeldias quanto à satisfação do preceito da confissão e comunhão pascal.

Ora, como segundo a bela sentença de S. Bernardo: Nemo repente fit summus: ascendendo, non volando, apprehenditur summitas scalae, eu receio que venha a ser pouco lisonjeira, mais tarde, a situação moral e religiosa dos meus patrícios.

Ninguém de repente ou de salto sobe a um alteroso edifício, mas ganhando altura pelos degraus de uma escada: isto na ordem física. Na moral e reli-

⁽¹⁾ Jesus Cristo perante o século na Introd.

giosa observa-se a mesma coisa. Ninguém se torna santo de repente, nem de $r\underline{e}$ pente Impio: pouco a pouco se perde a vergonha e da mesma sorte se progride no caminho da perfeição cristã.

Não deixem, portanto, os Calipolenses apodrecer os corações se querem con servar puros os sentimentos religiosos.

ΙV

Dizerdo, porém, o que precede convem advertir que os sintomas de resfriamento na fé e devoção nada têm de singular quanto ao povo de Vila Viçosa: pe lo contrário, a sua situação moral e religiosa é incomparavelmente melhor do que a de muitos outros.

Aqui sente-se o triste influxo das doutrinas dissolventes do Liberalismo Impio que rege o país, tolerando apenas em certos casos o exercício do culto cristão e mão protegendo-o. E, como os exemplos que vêm do alto são os que mais influem nos costumes da sociedade, eis aí por que os povos estão olhando para a Religião com indiferença.

O que muito detem o progresso da irreligiosidade é a educação dos nossos antepassados e o aferro em nós a tudo quanto é tradicional: isto há-de custar muito a vencer aos ímpios... e decerto não o conseguem porque os Portu - gueses na sua maioria amam a Lei Evangélica e gloriam-se de ter na sua bandeira por Brasão de Armas os estigmas das Chagas do Redentor com os trinta di nheiros por que foi vendido por um discípulo ingrato e não quererão, decerto, equiparar-se a ele renegando o Divino Mestre que os regenerou com o seu sangue precioso, policiou com as suas doutrinas civilizadoras e fez admira - dos no mundo pelo seu valor e lealdade levadas até ao heroísmo.

Vila Viçosa tem, além disso, uma história religiosa particular e de imensa glória que ela nunca poderá esquecer... Deve ao Cristianismo os seus principais monumentos... E a terra da Padroeira do Reino. E, se os habitantes de Efeso não podíam tolerar que se extinguisse o culto da sua Grande Diana, menos sofrerão os Calipolenses que em tempo algum cesse a veneração da sua Virgem Imaculada, particular Protectora sua...

Em 20 de Junho de 1808 dizia o General d'Avril às Marquesas de Ternai

⁽¹⁾ Act. XIX, 27 e seguintes.

d'Alorna que ia mandar arrasar o templo da Matriz por terem os Calipolenses feito de cima dele muito fogo à guarnição francesa do Castelo e não torna - rem mais a subir aos seus telhados com igual intento. Mas logo aquelas ilustres Damas o dissuadiram de tal ideia dizendo-lhe com intimativa: - Monsieur, é mais fácil morrer todo este povo que consentir jamais que se derrube ali uma pedra!... (1)

A Virgem da Conceição, pois, que esmagou com o seu calcanhar a cabeça da infernal serpente e de Quem a Igreja canta que só com o seu poderio é capaz de aniquilar as heresias de todo o mundo, (2) velará pelo seu povo não consentindo em tempo algum que os emissários de Satanás tenham nele guarida, mas conservem todos pura e intacta a fé dos seus avós.

Assim o creio e assim o espero como devotíssimo que sou da mesma Imaculada Virgem.

⁽¹⁾ Assim o referem os contemporâneos.

⁽²⁾ Cunctas haereses sola interemisti in universo mundo. - Antífona.

SECÇÃO IV

MONUMENTOS PROFANOS

Na matéria de monumentos profanos adiantei já alguma coisa na Primeira Par te dando notícia histórica e descritiva do Castelo ou Cerca de D. Dinis, (1) da segunda cerca de muros fabricada pelos Duques de Bragança, (2) do pelourinho, (2) do Caracena (3) e outros, pois assim o julguei preferível para melhor conhecimento das diversas fases da nossa história.

Continuarei, portanto, com a descrição do moderno Castelo, Palácio Real, Tapada, Portas dos Nós, Paços Municipais, Brasão de Armas da vila, Palácio do Bispo, Abarracamento das feiras e fontes públicas.

E o que julgo digno de especial menção.

⁽¹⁾ Capítulo 23.

⁽²⁾ Capítulo 34.

⁽³⁾ Capítulos 25 e 67.

CAPITULO XLIX

Castelo moderno ou Cidadela, Estrela e Obras Exteriores

O castelo é o monumento de mais antiguidade que há na vila.

(Vilhena Barbosa - As cidades e vilas)

Ι

E decerto o castelo de D. Dinis o monumento mais antigo da nossa vila; poleono rém, o moderno tornou-se incomparavelmente mais glorioso desde o celebérrimo cerco de 1665, além de que esse castelo moderno é o mesmo antigo reformado e adicionado.

Com efeito, os Duques de Bragança fabricaram a cidadela na mesma alcáçova do Rei Lavrador dando-lhe a forma de quadrado perfeito rodeado por um largo e profundo fosso; e para isso foi mister demolir a Cerca de D. Dinis nos dois lados em que ela se ligava com a dita alcáçova. A cidadela juntaram a Estrela ou fortaleza exterior e angular de sete pontas com guaritas no extremo de cada uma delas, omitindo a do noroeste por a julgarem desnecessária visto dizer para dentro da dita Cerca antiga ou de D. Dinis: aliás a Estrela constaria de oito pontas perfeitamente regulares.

A Cerca de D. Dinis foi cortada no poente até à porta de Evora, da qual ficou somente num ângulo da Estrela o torreão direito chamado agora Caracena Velho, onde subsiste a torre do sino de correr dos antigos Paços Municipais e no oriente foi cortada quase até à porta do Sol, que ficou inteira mas com o torreão direito metido já na Estrela e subsistindo ainda parte do muro até ao fosso onde praticaram uma abertura ou porta para livre trânsito na plataforma da mesma Estrela.

Depois disso foi melhorada a cidadela fabricando-se-lhe dois revelins ou cubos em dois ângulos que são os do oriente e poente e por isso mesmo tornou—se necessário praticar no interior uma rampa a fim de subirem por ela os carros de artilharia até ao revelim do poente, e dispôr um ramal daqui para

o outro do oriente por meio dos quartéis ou casernas do sul: razão por $\,$ que a sala das armas e outras que estão debaixo são sustentadas por colunas dór \underline{i} cas de mármore branco.

Ao mesmo tempo transferiu-se para o lado este da cidadela a sua porta que era para o meio-dia.

Dos adicionamentos de 1663-64 falarei adiante.

H

Cumpre-nos indagar quem formou e melhorou o Castelo moderno até ao ponto em que o deixo descrito.

Nada se tem por agora esclarecido a este respeito, limitando-se todos a dizer vagamente: - O que ali está é obra dos Duques de Bragança.

O mais antigo dos autores que tocam neste assunto e que eu conheço é Morais, o qual diz no Parnaso de Vila Viçosa escrito em 1618: Esta fortaleza mandou fazer D. Jaime há mais de cem anos, acabando de a aperfeiçoar o Duque D. Teodósio I, (1) o que deixa entrever que D. Jaime, ao voltar da conquista de Azamor em 1513, mandou fabricar a cidadela sem revelins e que depois seu filho D. Teodósio a dotou com os ditos revelins e seus acessórios para que pudesse laborar a artilharia de cima da mesma cidadela e substituíu pela actual a porta que dantes ficava para o sul.

Ora, na falta de outros documentos, somos obrigados a aceitar o que precede, pois a ${\it História~Genealógica}$ nada esclarece: e, não esclarecendo ela, ${\it me}$ nos o podem fazer os que a têm copiado ou resumido.

No entanto, expondo com franqueza o meu sentir a este respeito como já fiz na Primeira Parte, (2) juntarei o seguinte. Concordo em que D. Jaime pu sesse o Castelo moderno na sua perfeição de fortaleza de bocas de fogo e até circundasse a vila com as novas muralhas acabando seu filho e sucessor o que ele deixara por concluír. Custa-me, porém, a crer que os dois Fernandos I e II, homens acostumados à guerra na Africa setentrional onde tanto batalharam, nada fizessem no seu Castelo de Vila Viçosa em que tinham a sua casa so lar quando esse castelo, fabricado para uso de armas brancas, era já inútil depois da invenção e emprego da pólvora na guerra.

⁽¹⁾ Livro 2, cap. 27.

⁽²⁾ Capítulos 34 e 36.

Alguma coisa fizeram ali e foi essa alguma coisa que D. Jaime reformou e aperfeiçoou. Assim o acreditarei enquanto novos e claros documentos me não convencerem do contrário.

Morais não podia saber com precisão o que executou D. Jaime no Castelo por que não foi seu contemporâneo. De mais: lendo-se nas crónicas antigas a propósito da prisão do Duque D. Fernando II $^{(1)}$ que era dificultoso a El-Rei D. João, também II, o realizar a captura em razão de ter o Duque muito bem fortificado o seu castelo, eu não compreendo como então se chamasse bem fortificado o castelo sem que estivesse ajeitado à defesa com artilharia.

Eis o motivo das minhas dúvidas.

HI

Na alcáçova ou castelo antigo propriamente dito e hoje convertida em cida dela estavam os Paços do Alcaide-mor ou governador militar daqueles tempos. Ali morou por vezes, como senhor Donatário, o Condestável D. Nuno Alvares Pereira; e como este em 1422 repassou o senhorio a seu neto D. Fernando, para ali foi viver também este último, ao menos desde o ano de 1429 em que tomou o estado conjugal. Ali morreu em 1478 com testamento feito nos mesmos Paços que intitulava Paço do Castello de Homenagem.

Seu filho D. Fernando II, a viúva deste e o seu sucessor D. Jaime ao regressar de Castela em 1496 moraram nos mesmos Paços de que o último se apartou em 1501 para residir nas Casas do Reguengo que foram o núcleo do moderno Paço Ducal e Real.

Mas por isso não ficaram abandonados os Paços da alcáçova: antes melhora ram pois a arquitectura das suas janelas bem mostra serem posteriores ao tem po de El-Rei D. Manuel. Morais conta que os Duques até guardavam lá as suas melhores tapeçarias e louças da India, além de lhes servirem para celeirosde trigo, (2) o que aliás se prova com a história do saque de 1580 pelos Castelhanos que ficou escrita no lugar competente.

Por isso mesmo achava-se instalado nos ditos Paços um fidalgo, segundo o testemunho de Cadornega $^{(3)}$ e esse fidalgo deveria ser o que tinha o cargo de

⁽¹⁾ História Genealógica, Crónica de D. João II por Rui de Pina, etc.

⁽²⁾ Lugar cit.

⁽³⁾ Descrição de Vila Viçosa, acabada em 1683.

Alcaide-mor.

Perdida a praça de Juromenha em 1662 durante a Guerra da Restauração da Monarquia e ficando assim o nosso Castelo constituído Praça de fronteira, tornou-se forçoso melhorar a sua defesa com as Obras Exteriores. Estas obras constaram de uma nova Estrela de muralhas de pedra e cal com outra mais exterior de barbacã, chamada Estrada coberta ou esplanada, feita de aterros com parapeitos de taipa. E como pelo norte se acha a Cerca antiga de D. Dinis, foi esta reforçada com meias luas e cortinas em vários pontos. Isto se efectuou nos anos de 1663 e 1664 para no seguinte se ferirem naqueles baluar tes pelejas tão gloriosas que a História Portuguesa forma delas um dos seus maravilhosos fastos.

Mas a fortaleza ficou muito arruinada com o bombardeamento do Marquês de Caracena em 1665 e parece não terem sido reparadas tais ruínas até ao ano de 1735 em que D. João V assim o mandou e declarado fica no anal competente.

De então para cá manifestaram-se algumas destruições como a do boqueirão fronteiro à rua do Espírito Santo e já no século corrente veio abaixo o ângulo do sul da cidadela do mesmo lado. Este foi reparado por conta do Ministério da Guerra mas, tornando a caír logo em seguida e sendo obrigado o empreiteiro a refazê-lo, apenas se conseguiu levá-lo a meia altura por não chegarem a mais os seus bens.

Nos meus dias achava-se abandonada a cidadela e até houve quem fosse lá furtar linhas de ferro, madeiras e utensílios. Depois, aí por 1855, houve um alvenéu chamado António Maria Fraústo, que pediu licença ao Administrador Geral da Casa de Bragança para ir lá morar com faculdade para semear em seu proveito os fossos e esplanadas. Concederam-lho e ainda presentemente lá mora.

ΙV

Descreverei agora o estado actual de toda a fortaleza.

Comecemos pela Cidadela. A sua porta exterior está na face do nordeste olhando para Vila Boim e ficou ali bem colocada por ser aquela face a menos exposta a tiros de canhão. Depois dela está uma segunda porta para a mão di reita e, segundo parece, no próprio local da antiga porta da alcáçova. E por esta que se entra no pátio. Ambas são fechadas com meias portas de azi-

nho ferradas com grossas lhantras encruzadas e bem pregadas e cada uma tem o seu postigo para o trânsito ordinário. A de fora teve ponte levadiça conforme indicam uns escaninhos que se vêem à sua esquerda. Fizeram-lhe depois outra fixa de abóbada que se deitou abaixo em 1832 por temerem que vies se a guerrilha do José das Vacas maltratar os Liberais presos na Cova, substituindo-a por uma de madeira. Agora, desde o tempo de lá morar o Fraústo, vulgo Beato António, é terraplanado aquele espaço com parapeitos de pedra e cal, tendo em baixo um agulheiro para a passagem das águas não sendo por isso fácil desfazer tal ponte ou passagem no caso de necessidade.

As quatro faces do pátio ou quadra estão dispostas com simetria nos seus três andares. O pavimento é o natural de piçarra, salvo o espaço ocupado pe la grande cisterna cuja boca fica à mão esquerda.

Na faceira da entrada e seu primeiro andar, além da escada principal dos antigos paços, está a prisão chamada *Cova*, cujo nome é impróprio visto que nada tem de encovada. E há também ali uma cavalariça para um esquadrão de cavalaria e casernas para carretas e outros aprestos de guerra.

Na faceira do norte eram propriamente os Paços da Alcáçova; na do poente, casas de oficiais militares, enfermaria e botica; na do sul sobressai a célebre Sala das Armas ou Armazém dos Duques onde até à Guerra Peninsular se encontravam todas as espécies de armaduras antigas penduradas em ricas panóplias. A cozinha e despensas encontram-se no andar nobre da primeira faceira descrita ou do oriente. Nesta e na que lhe fica defronte há escadas exteriores e amplas para o pátio.

As janelas interiores do primeiro andar alto ou nobre são quadrilongas e de bons mármores com as suas cimalhas; as do segundo são rasgadas ao rés do pavimento. Neste segundo andar tudo são quartéis de soldados.

Na face do poente, ou antes, sudoeste está a rampa ou ladeira para subirem os carros de artilharia até ao revelim ocidental ou volverem dali para o outro. Lá no cimo dela topa-se um paiol de pólvora que deixa ler na travessa do portado esta deprecação do triságio dos Gregos: Sanctus Deus, Sanctus Fortis, Sanctus immortalis: miserere nobis.

Os revelins são redondos e feitos de pedra e cal desde o chão do fosso, o que aliás não sucede com a cidadela que é construída sobre o cume da eminência formada toda em piçarra dura, razão por que se tem conservado em pé a obra quadrada.

Nos ditos revelins há três canhoeiras, a saber: para a frente, para a di reita e para a esquerda. Visitando-as é mister usar de muita cautela para

se evitarem fatalidades que a algumas pessoas têm já acontecido nos meus dias quebrando ali as pernas, pois na plataforma delas Ka em cada uma, rasas do piso, umas aberturas quadrilongas que, segundo uns, serviam para comunicação da soldadesca de cima com a de baixo por meio de um porta voz e, segundo outros, de chaminé para respiradouro do fumo das canhoeiras que estão no fundo rente do chão do fosso. Ora, é certo que não tendo parapeito as ditas aber turas, nem uma tampa de madeira e, pelo contrário, achando-se encobertas com ervas, pode qualquer enfiar por elas abaixo. No meio de cada revelim há uma casa redonda que tem servido para prisões, mas desde o pavimento do pátio até ao fosso estão vazios: e quem se encaminha para eles por esta parte, alucinado pelo clarão das suas janelas médias, vai caír no fosso por não reparar naquele vácuo. Três ou quatro casos destes se têm dado já no meu tempo. Di zem-me alquns informadores que os soldados desciam por ali ao fosso por meio de degraus ou escaleiras praticadas na pigarra da eminência e, a não ser assim, tão somente podia verificar-se a subida e descida com escadas levadicas de madeira.

O revelim oriental conserva-se perfeitamente são, mas o ocidental acha-se rachado e muito crivado de balas de artilharia e mosquete. O mesmo acontece naquela faceira da cidadela, mas sem rachas por ser exteriormente revestida com taipa onde os pelouros, grandes e pequenos, embaçavam alojando-se nela ou fazendo buracos e caindo para o fosso. Ainda lá se encontram muitos na couraça da taipa.

Em cada revelim destacam-se ao longo da quadratura da cidadela, duas avenidas superiores e a descoberto que serviam para dali rondarem as sentinelas a campanha. Hoje, porém, é intransitável o ângulo do sul por haver nele um descalabro, como dito é.

Vejamos a Estrela. Esta é chamada vulgarmente pelos meus patrícios muralha das peças. Tem, como já notei, sete ângulos regulares e correspondentes
aos quatro da cidadela e aos centros dos seus quatro lados, excepto o do noroeste, onde lhe omitiram o oitavo ângulo por vir a ficar dentro da Cerca de
D. Dinis e julgarem-no aí desnecessário. Conserva-se num estado sofrível,
ainda que se contem nela já três boqueirões ou brecas por onde pode trepar se. Já lhe faltam os fornos de pão que estavam junto à porta do Sole acha
-se em ruínas ali mesmo um armazém de carros de artilharia.

Todos os seus parapeitos mostram canhoeiras em diversas direcções e escutas para observar a vizinhança.

Em baixo ao poente está uma poterna, chamada vulgarmente casinha das fei-

ticeiras, a qual foi aberta para comunicação clandestina ou subterrânea com o pátio da cidadela, mas nunca se chegou a perfurar o outeiro. E decerto, num aperto extremo, poderia a guarnição da praça ou a maior parte dela evadir-se por ali durante a noite.

Obras Exteriores. Formam uma segunda estrela em ponto mais baixo e diferençam—se da primeira em não terem guaritas nos ângulos nem canhoeiras para peças de artilharia.

Acham-se estragadas em muitos pontos, até mesmo porque nenhum caso se fez da sua conservação.

Fora das Obras Exteriores, que foram riscadas pelo Conde de Schomberg, ficava a estrada coberta com anteparos de taipa e terra, formando uma terceira estrela. Esta foi já desfeita na parte ocidental ou da vila, subsistindo in tacta apenas onde confronta com a horta do Duque e porta da Esperança. Na parte austral e oriental tem sido quase arrasada com as lavouras para cultura de cereais.

As obras exteriores constavam mais de uma cortina ao longo da cerca antiga até à torre de Menagem ou Caracena e três meias-luas: uma no ângulo da mesma cerca onde está o *Poço do Concelho*, hoje arrasada inteira ou quase inteiramente; outra à porta de Estremoz, também quase desfeita; e a terceira no ângulo junto ao *Buraco do Corregedor* na Carreira das Nogueiras, que se conserva.

Em torno de tudo isto havia estrada coberta com barbaca e uma estacada jun to ao Arco dos Remédios por ser por ali a entrada para o Castelo moderno.

V

Em 1683 houve um pleito entre a Câmara Municipal e a Casa de Bragança acer ca da posse do que chamam fossos do Castelo e são as esplanadas de dentro e fora das Obras Exteriores. Fossos e cubos dos ângulos interiores onde havia as comunicações para o centro, tudo está já entupido.

Queria o Administrador Geral da Casa de Bragança chamar ao domínio da mes ma os ditos fossos argumentando com um auto de posse do Castelo passado a fa vor de D. Maria I em 21 de Março de 1756, no qual não se fazia distinção de fortificações internas e externas. E a Câmara duvidou da força probativa deste documento, parecendo-lhe que devia entender-se tão somente da Cidade-

la com a primeira Estrela que foram construídas pelos Duques de Bragança, e não das Obras Exteriores que foram feitas por conta do Estado ou da Nação em terreno do concelho e seus vizinhos, cujas moradas arrasaram para esse fim e não consta que jamais rossem indemnizadas estas expropriações. Alegou além disto a Câmara a sua posse contínua, mansa e de boa fé, provando isso até com posturas sobre pastoreação de gados nos fossos e colocação aí de estrumeiras.

A causa não foi ventilada nos tribunais.

As municipalidades seguintes calaram-se e a Casa de Bragança mandou entre tanto pôr marcas de pedra com as suas iniciais C.B. até aos extremos de todas as barbacãs, chamando a tudo propriedade sua e vedando o trânsito do povo por ali.

Pouco depois a Câmara reclamou, não só por se vedar o trânsito pela pedra do cachimbo, mas também por lhe fazerem falta os fossos para depositar o lixo da limpeza da vila que não convinha pôr no Rossio nem nos outros largos da vila e o resultado foi arrombar-se o tapume em frente da rua do Espírito Santo e ficar a Câmara e povo na sua posse e logradouros antigos.

Os marcos sobreditos, como ilegalmente postos, nada significam e é por i \underline{s} so mesmo que as Câmaras actuais não procederam a arrancá-los.

A Casa de Bragança não tem hoje ali rigorosamente nem sequer o domínio da Cidadela porque depois da abolição dos forais e senhorios de terras em 1832 ficou tudo isso devolvido ao Estado ou Nação no que diz respeito a construções dos Duques da mesma Casa. Acresce ainda que os reparos feitos em 1735 foram realizados à custa da Nação e não da Casa Brigantina. Esta só ultimamente se encarregou de conservar os telhados da cidadela, não lho tendo ninguém a mal porque aliás tudo ali seriam ruínas e assim pôde auartelar -se lá comodamente em 1882 o Batalhão de Caçadores nº 5 e evitar-se o abole tamento dele por casa dos paisanos.

A única falta interior da cidadela é um pavimento de caserna e ao mesmo tempo tecto de uma grande sala na faceira do noroeste. O mais está bem con servado.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VIGESIMO SEXIO FASCÍCULO

* * * *

SECÇÃO TIT - CULTO RELIGIOSO E PÚBLICO	7
CAPITULO XXXVIII - Anuário do culto religioso público,antigo e mo-	
derno, de Vila Viçosa	10
CAPITULO XXXIX - Festas e procissões derais e municipais aotidas,	
sua forma, suas classes e número. Notícias diversas a este respei-	
to	26
CAPITURE AL - Processão de ciozas	38
CAPITULO XLI - Procissão dos Passos de Cristo	44
CAPITULO XIII - Procissão do Enterro do Senhor	51
CAPTIULII XIIII - Procissão da Ressurreição do Senhor	58
CAPITULO XLIV - Processão do Corpo de Deus	61
CAPITULO XIV - Processão da Senhora da Boa Morte	66
CAPTIULO XIVI - Conclusão deste assunto de processões actuais	69
CAPTIBLO XLVII - Etnografia dos batizados, casamentos, viáticos,en	
terros e outras miudezas	70
TAPINEU XIVIII - Reflexões sobre a situação religiosa dos calipo-	
lenses	82
SECÇAD TV - MONUMENTOS PROFANOS	86
CAPITULO XLIX - Castelo moderno ou cidadela, Estrela e Obras exte-	
riores	87

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇUSA

TIRAGEM J 500 EXEMPLARES

NOVEMBRO 1985

MEMÓRIAS de VILA VIÇOSA

L'uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se en contra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

